

Universidade do Vale do Rio dos Sinos
Programa de Pós-Graduação em Psicologia
Mestrado em Psicologia Clínica
Linha de Pesquisa: Processos de Saúde e Doença em Contextos Institucionais

César Leonardo Karnal

**Os Fatores de Proteção e Risco para Cursar uma Graduação em Alunos
Prounistas**

Orientadora:
Prof^ª. Dr^ª. Janine Kieling Monteiro

São Leopoldo, Novembro de 2015

CÉSAR LEONARDO KARNAL

**Os Fatores de Proteção e Risco para Cursar uma Graduação em Alunos
Prounistas**

Dissertação apresentada como requisito
parcial para a obtenção do grau de Mestre do
Programa de Pós-Graduação em Psicologia
Clínica da Universidade do Vale do Rio dos
Sinos – UNISINOS

Orientadora:
Prof^ª. Dr^ª. Janine Kieling Monteiro

São Leopoldo, Novembro de 2015

K18f Karnal, César Leonardo.
Os fatores de proteção e risco para cursar uma graduação em
alunos prounistas / César Leonardo Karnal. – 2015.
66 f. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos
Sinos, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, 2015.
"Orientadora: Prof^a. Dr^a. Janine Kieling Monteiro".

1. Ensino superior – Brasil. 2. Estudantes universitários –
Condições sociais. 3. ProUni (Programa). I. Título.

CDU 159.9

Agradecimentos

Precisei de muita ajuda para chegar até aqui. Inúmeras pessoas contribuíram nesta caminhada.

Agradeço primeiramente aos meus pais, Renato (in memoriam) e Jacyr, pela educação e integridade que recebi durante toda a vida;

Aos meus irmãos, Rose, Júnior e Leandro, pelos emails diários de incentivo e apoio durante todo o tempo. Ao Leandro, pelo apoio financeiro incondicional, que me permitiu mais tranquilidade na mensalidade do PPG;

A minha esposa Adriana, a Tuti, que desde 1988 tem me ajudado a ser melhor a cada dia e pelo amor recebido, principalmente nos dias nebulosos;

Aos meus filhos, Camila e Guilherme, futura advogada e engenheiro, por me fazer acreditar num futuro melhor e mais resiliente;

A Universidade, por me fornecer uma bolsa de 50% na mensalidade no PPG, que me permitiu estudar este assunto tão especial;

As colegas da Ação Social, Anelise e Deise, pelos arquivos com os dados dos alunos prounistas, em especial a Aline Enriconi, que prontamente me ajudou no acesso a estes dados;

Aos meus colegas de Unisinos, da Gerência de Atenção ao Aluno, que me suportaram nos momento de crise, especialmente a Salete Kraemer, a Cleonice Silveira, o Guilherme Geiss e Luciane Linden;

As professoras Janira Silva e Maria Helena Enriconi, exemplos de amor e respeito no atendimento pedagógico dos alunos prounistas;

A todos os professores do PPG, que me ajudaram a entender melhor o mundo acadêmico e principalmente a professora Denise Falcke, pela coordenação e preocupação com os mestrandos e doutorandos;

A minha orientadora Janine Monteiro, mãe da Luísa, que em diversos momentos acreditou mais em mim do que eu próprio, e por unir competência técnica e afetividade, características cada vez mais difíceis de convergirem no mundo de hoje;

As professoras doutoras Ilana Andretta e Débora Dalbosco Dell'Aglio, que enriqueceram o projeto na qualificação e gentilmente aceitaram o convite para a banca final

Aos colegas do Laborclínica, que enriqueceram a dissertação com as sugestões, comentários e novos olhares;

A doutoranda Anelise Schaurich dos Santos, que contribuiu com um olhar apurado e muitas sugestões na redação final desta dissertação;

A futura psicóloga, Grace Oliveira dos Santos, pela competência e parceria na participação dos grupos focais e paciência nas transcrições dos mesmos;

A todos os alunos, prounistas e não prounistas, que tive a oportunidade de conversar nestes 23 anos de Universidade, e que me mostraram que a vida é feita de lutas, derrotas e vitórias;

A todos os alunos prounistas que aceitaram, de coração aberto, a participar dos grupos focais, e mostrar um pouco de suas vidas e a riqueza de suas personalidades;

O meu eterno agradecimento.

“E como a gente quer muito, a gente se vira nos 30, né. A gente se vira nos 30 pra poder dar conta, então quer dizer, tu ganhou algo, tu tem que se movimentar pra poder, pra isso dar certo. Pra ter uma continuidade, início, meio e fim do curso”.

Fala de um participante desta pesquisa

Sumário

Lista de Abreviaturas	8
Resumo	9
Abstract	10
Apresentação	11
Estudo 1	13
Introdução	13
Método	17
Resultados	22
Discussão	29
Considerações Finais	35
Referências	36
Estudo 2	41
Introdução	41
Método	44
Discussão	53
Considerações Finais	58
Referências	59
Considerações Finais	63
Referências	65
Anexos	66
Anexo A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	66
Anexo B – Questionário Sociodemográfico	68
Anexo C – Questões Norteadoras para o Grupo Focal	69

Lista de Abreviaturas

APA – American Psychological Association

DAS – Diretoria de Ação Social

EAD – Ensino a distância

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio

GAA – Gerência de Atenção ao Aluno

IDH – Índice de Desenvolvimento Humano

IES – Instituições de Ensino Superior

MEC – Ministério de Educação e Cultura

NAE – Núcleo de Assistência Estudantil

PIEA – Programa de Inclusão Educacional e Acadêmica

PROUNI – Programa Universidade para Todos

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

USA – Unidade de Serviços Acadêmicos

Resumo

Esta pesquisa teve como objetivo caracterizar fatores de proteção e fatores de risco para cursar uma graduação em alunos prounistas de uma universidade privada do Rio Grande do Sul. A aprovação no Enem e, a conseqüente, bolsa de prouni não são suficientes para a manutenção nos estudos e finalização da graduação. Os alunos têm que administrar estudo, trabalho e família durante o curso superior. Nessa pesquisa, a resiliência foi utilizada para tentar entender a capacidade dos alunos saírem fortalecidos em uma situação de crise. O método utilizado foi qualitativo e exploratório. Foram pesquisados 13 alunos, utilizando como instrumentos o grupo focal e um questionário sociodemográfico. Os dados foram analisados através da análise de conteúdo de Bardin. Os resultados destacaram a família como um fator tanto de proteção como de risco para cursar o nível superior, dependendo do apoio e incentivo dado ou da falta deles. Além disso, outras formas de apoio social também apareceram como significativas (pares, professores, gestores). Os jovens da pesquisa demonstraram que apesar das preocupações, dificuldades, sobrecarga e cansaço; o planejamento, esforço e determinação para concretizar um curso de graduação podem fazer diferença nas suas vidas, em termos financeiros, sociais e perspectivas futuras.

Palavras-chave: prounistas; fatores de proteção; fatores de risco; resiliência; graduação.

Abstract

This research aims at analyzing *protection factors* and *risk factors* for PROUNI students to study an undergraduation course in a university in the South of Brazil. Being approved at ENEM, and consequently, receiving PROUNI grant are not enough to keep learners studying and finishing their courses. Students have to manage their studies, their work and family life along the university course. In this research, resilience was used as an attempt to understand the student's capacity to feel stronger after a crisis situation. The methodology used was qualitative and exploratory. We used a focal group and a sociodemographic questionnaire as data collection instruments. Moreover, thirteen students participated. Data were explored using content analyses from Bardin. Results show that *family* can be a risk factor as well as a protection factor when studying an undergraduation course, it is either a risk or a protection depending on the support and incentive offered. In addition to that, other ways to offer social support are described as meaningful (pairs, professors, managers). Participants revealed that, although they are concerned with their difficulties, overloaded and stressed out, planning and putting on effort and determination to finish their courses is still worthwhile. It can make a difference in financial and social terms and also offer perspective to their future lives.

Key-words: PROUNI students; protection factors; risk factors; resilience; undergraduation.

Apresentação

Esta dissertação irá abordar os fatores de proteção e os fatores de riscos em alunos prounistas, com bolsa integral, em uma universidade privada do Rio Grande do Sul. Por trabalhar em uma Instituição de Ensino Superior (IES) há mais de 23 anos e ter a oportunidade de conversar com inúmeros alunos, dos mais variados cursos, muitos dos quais apresentam situações adversas em uma ou mais áreas de sua vida (dificuldades econômicas, problemas de saúde, desemprego, de saúde mental, de instabilidade afetiva, famílias disfuncionais, entre outros) sempre demonstrei uma curiosidade em entender os fatores de proteção e de risco dentro do contexto acadêmico, especialmente a resiliência. O senso comum define estas pessoas como batalhadoras, guerreiras ou de personalidade forte. Acredito que a psicologia pode, de maneira mais científica, enriquecer esta reflexão sobre as potencialidades e fatores de proteção deste grupo de pessoas.

Pesquisar os fatores de proteção e de risco pode auxiliar a Universidade a melhorar, cada vez mais, o apoio, o acolhimento e a manutenção deste contingente cada vez maior de alunos que ingressam em um curso superior. No Rio Grande do Sul, os números de alunos prounistas totalizam 39.064 bolsas integrais e 13.884 bolsas parciais de 2012 a 2014 (Ministério da Educação [MEC], 2015).

As bolsas ofertadas seguem duas categorias: integrais (100%) ou parciais (50%) para cursos de graduação ou cursos sequenciais. Para concorrer às bolsas integrais, o candidato deve ter renda bruta mensal familiar de até um salário mínimo e meio por pessoa. Para concorrer às bolsas parciais, a renda familiar bruta mensal deve ser de até

três salários mínimos por pessoa. Para ambos os casos, é necessário também ser brasileiro, não possuir diploma de curso superior e ter realizado a prova do Exame Nacional de Ensino Médio (ENEM), com pontuação mínima de 450 pontos na média e não zerar a prova de redação. Além disso, o aluno precisa ter cursado todo o ensino médio em escola pública ou ter sido bolsista integral em escolas privadas durante todo o ensino médio (MEC, 2015).

Depois de conseguir a bolsa, esses alunos têm que enfrentar vários desafios e obstáculos de adaptação ao contexto acadêmico e também lidar com uma situação financeira e, muitas vezes, de vida, menos favorável, para poder continuar estudando e conseguir finalizar o curso de graduação. A adaptação a um contexto até então desconhecido pelo jovem tende a fazer com que ele se envolva em um processo de resiliência. Há entendimento, nas áreas humanas, que as pessoas que enfrentam as adversidades não são imunes aos problemas, mas de um modo geral conseguem ir adiante apesar do acontecido.

A resiliência é muito mais um processo do que uma ação individual ou situacional (Poletto & Koller, 2008). Por isso, buscou-se nesta dissertação descrever quais são os fatores de proteção e de risco para cursar uma graduação em alunos prounistas. Entende-se que o fato de cursar uma graduação envolve um processo maior, desde a opção por fazer um curso universitário, a entrada e o processo de adaptação, a vivência na universidade e as perspectivas futuras. Todos esses aspectos serão abordados nos dois artigos que seguem essa introdução. Para tanto, o artigo 1 irá tratar dos fatores de proteção para cursar uma graduação (o momento da escolha, a adaptação inicial e as perspectivas futuras) de alunos prounistas e o artigo 2 abordará os fatores de risco deste mesmo grupo de alunos, antes e durante a vivência acadêmica.

Estudo 1

Processo de Resiliência em Alunos Prounistas: Fatores de Proteção (Antes e Durante) a Graduação e Perspectivas Futuras

Introdução

No âmbito da educação, o Brasil vem passando por reformulações que visam a implementação de políticas de inserção e acessibilidade, principalmente, no ensino superior. O Programa Universidade para Todos (Prouni) foi criado em 2004 e institucionalizado pela Lei 11.096 em 13 de janeiro de 2005 (Brasil, 2005). A realidade das Instituições de Ensino Superior privadas era caracterizada pelo aumento de vagas ociosas combinado à procura por ensino superior de jovens provenientes de classes socioeconômicas desfavorecidas, o que fundamentou a proposta do Ministério da Educação (MEC) de estatização de vagas nas instituições particulares em troca da renúncia fiscal (Carvalho, 2006). O objetivo desse programa é incentivar e proporcionar o ingresso da população de baixa renda em instituições privadas de ensino superior em todo o país (Brasil, 2005).

Segundo informações do site do MEC, o Prouni atingiu a marca de 1,2 milhão de bolsas concedidas para alunos de baixa renda no período de 2005 a 2013. Desse total, 873.648 foram contemplados com bolsa integral (69%) e 400.017 com bolsa parcial (31%). O Prouni tem como meta, até o ano de 2020, que pelo menos 33% dos jovens com idade entre 18 e 24 anos tenham acesso ao ensino superior.

De maneira geral, o ingresso em uma IES é uma possibilidade de ascensão social, principalmente para os jovens provenientes de classes socioeconômicas desfavorecidas. A partir do Prouni, as IES se organizaram para receber alunos oriundos de escolas públicas e com baixo poder aquisitivo (Libanio, 2004). Esse programa vem

ajudando muitos jovens a ascender a posições mais dignas na sociedade (Brito, 2006), já que o nível de escolaridade é reconhecido pela população em geral como pressuposto para a empregabilidade e como o diferencial no momento de colocação no mercado de trabalho (Guilland & Monteiro, 2010; Ribeiro, 2011; Valore & Viaro, 2007). Isso porque o êxito profissional seguidamente está associado à formação em nível superior (Sobrosa, Santos, Oliveira, & Dias, 2014).

Contudo, a entrada na universidade não significa a permanência nessa e nem a certeza de conclusão do curso de graduação (Santos, Mognon, Lima, & Cunha, 2011), principalmente em jovens desfavorecidos economicamente. Sabe-se que o gasto financeiro com um curso superior não se restringe apenas ao pagamento das mensalidades, pois os estudantes apresentam despesas com moradia, transporte, materiais escolares e específicos de cada curso, entre outros. Por isso, mesmo que o Prouni abone o custo com as mensalidades, os universitários possuem despesas como as mencionadas anteriormente. Para arcar com esses gastos, a maioria dos estudantes precisam trabalhar (Borges & Coutinho, 2010). Assim, mesmo que os jovens de classes socioeconômicas desfavorecidas ingressem em um curso universitário, frequentemente eles não conseguem manter-se no sistema por muito tempo devido à dificuldade em conciliar a jornada de trabalho com as atividades relativas aos estudos (Almeida, Guisante, Soares, & Saavedra, 2006).

Essa situação é corroborada pelo estudo de Rocha (2011), realizado com 113 alunos bolsistas do Prouni de uma universidade comunitária localizada no Rio Grande do Sul. Os participantes da pesquisa relataram apresentar dificuldade de prosseguirem a sua formação acadêmica com tranquilidade, pois precisaram buscar uma fonte de renda, seja no mercado formal ou informal, para se sustentar. O estágio remunerado adquiriu grande importância para muitos desses alunos. Embora em várias situações a família

auxiliasse os jovens, ganhou destaque à presença da avó no auxílio da manutenção do jovem na universidade.

Os acadêmicos também relataram contentamento por estudar em uma universidade privada, o que somente foi possível em virtude de terem sido contemplados com a bolsa do Prouni. Contudo, estavam cientes das suas limitações por não conseguirem se dedicar em caráter integral nos estudos. De um modo geral, os jovens demonstraram clareza nos seus objetivos de vida e atribuíam importância à continuidade da graduação. Apesar das preocupações e das dificuldades, referiram que o ingresso em um curso superior poderia fazer uma diferença significativa em suas vidas, principalmente em termos econômicos e sociais (Rocha, 2011).

Além das dificuldades financeiras, os jovens desfavorecidos economicamente tendem a enfrentar obstáculos de adaptação ao contexto acadêmico, assim como a maioria dos jovens que ingressam na universidade (Teixeira, Dias, Wottrich, & Oliveira, 2008). A transição do ensino médio para o ensino superior, assim como outras transições educacionais (por exemplo, a transição do ensino fundamental para o ensino médio), traz consigo modificações nos métodos de ensino, nos relacionamentos e vínculos estabelecidos, nos papéis sociais e na rotina dos estudantes. Todas essas alterações exigem flexibilidade por parte dos estudantes para se adaptarem às responsabilidades do novo ambiente (Tavares, 2012).

Na adaptação a um contexto até então desconhecido pelo jovem podem estar presentes processos de resiliência. A psicologia estuda a resiliência com o objetivo de conhecer a posição de cada sujeito (ou grupo) frente a situações difíceis. Ademais, busca compreender o esforço desse sujeito (ou grupo) para encontrar modelos adaptativos no seu cotidiano a partir da interação da capacidade pessoal com aspectos genéticos e com condições sociais, econômicas e ambientais (Secunho, 2012). A

resiliência pode ser vista como um processo das pessoas superarem problemas do dia a dia e saírem fortalecidas após o enfrentamento de uma situação adversa (Melillo, 2007). Ela não é uma característica fixa, visto que pode ser desencadeada e desaparecer em determinados momentos da vida, bem como estar presente em algumas áreas e ausente em outras. Devido a sua complexidade e caráter dinâmico, a resiliência se encaixa muito mais como processo do que uma ação individual ou situacional (Poletto & Koller, 2008).

O processo de resiliência é integrado pelos fatores de risco e pelos fatores de proteção. Os primeiros relacionam-se aos eventos negativos de vida e, quando presentes, aumentam a probabilidade de a pessoa apresentar problemas físicos, sociais ou emocionais (Poletto & Koller, 2008). Já os segundos “referem-se a influências que modificam, melhoram ou alteram respostas pessoais a determinados riscos de desadaptação” (Rutter, 1985, p. 600). Tais fatores estão condicionados a ter um efeito ou influência somente quando existe a presença de um evento estressor. Entre os fatores protetivos, destaca-se o fato de ter uma rede de apoio social, abrangendo recursos individuais e institucionais, que encoraje e auxilie a pessoa a lidar com as circunstâncias da vida (Poletto & Koller, 2008).

Em relação aos estudantes que recebem bolsa do Prouni, não foram encontrados estudos sobre o processo de resiliência nesse público específico. Sabe-se que esses acadêmicos enfrentam o fator de risco de encontrarem-se em desvantagem socioeconômica (Poletto & Koller, 2008) quando comparados a outros grupos de universitários. Além disso, acredita-se que eles usufruam de alguns fatores de proteção para amenizar as dificuldades encontradas na universidade e permanecer cursando uma graduação. Por isso, este artigo entende que é relevante investigar quais fatores de proteção podem contribuir para o desenvolvimento da resiliência, enquanto processo,

para os alunos prounistas. Assim, teve como objetivo caracterizar os fatores de proteção para cursar uma graduação de alunos prounistas, de uma universidade privada do Rio Grande do Sul, que recebem bolsa integral.

Método

Foi desenvolvido um método qualitativo de caráter exploratório e transversal. A pesquisa qualitativa tem por objetivo analisar as experiências de indivíduos ou grupos e examinar as intenções e comunicações que estejam ocorrendo (Gibbs, 2009).

Participantes

Participaram da pesquisa 13 discentes (5 homens e 8 mulheres) de graduação de uma universidade privada do Rio Grande do Sul que recebiam bolsa integral (100%) do Prouni. Foram critérios de inclusão: receber bolsa integral do Prouni (preferencialmente desde o início da graduação), ser maior de 18 anos, estudar na modalidade presencial e estar regularmente matriculado na cidade sede da Universidade. Foi critério de exclusão: ser aluno com bolsa parcial (50%). Realizar estágio ou ter alguma atividade remunerada não foram considerados critérios de exclusão e/ou inclusão.

No momento de realização da pesquisa, a instituição de origem dos participantes contava com mais de 3.700 alunos com bolsas parciais e integrais (50% ou 100%) do governo federal. Em março de 2014, 2.687 alunos recebiam bolsa de 100% e 1.001 alunos bolsa parcial, segundo dados da Diretoria de Ação Social (DAS), órgão da instituição responsável pelo gerenciamento do Prouni. No segundo semestre de 2014, 2.795 alunos permaneciam com bolsa integral e 906 alunos com bolsa parcial. Esta pesquisa abordou apenas os alunos com bolsas integrais (100%), e atualmente a IES pesquisada concede apenas bolsa de estudo integral.

A mantenedora da instituição pesquisada, atenta às dificuldades dos alunos prounistas, criou o Programa de Inclusão Educacional e Acadêmica (PIEA) no ano de 2010. Esse programa é destinado aos alunos com a bolsa integral do Prouni e tem como objetivo qualificar a aprendizagem pela construção do conhecimento, para a melhoria do desempenho acadêmico e a qualidade de vida dos estudantes. O programa disponibiliza apoio financeiro, pedagógico, psicológico e social para os prounistas. Para se beneficiar desses recursos, o aluno prounista deve participar de uma entrevista individual realizada por assistentes sociais e pela comprovação da carência financeira através de documentação específica. O programa oferece semestralmente auxílio financeiro para transporte e alimentação para 317 alunos prounistas integrais (informação de dezembro de 2014, proveniente da Gerência de Atenção ao Aluno).

Instrumentos

O grupo focal foi o principal instrumento utilizado. Segundo Gatti (2005) é uma técnica derivada de diferentes trabalhos com grupos em que os participantes são selecionados conforme critérios relacionados com o problema de pesquisa, os quais possuem características comuns que os possibilitam discutir as questões que são sugeridas pelo pesquisador que coordena o grupo. O grupo focal seguiu um roteiro, com questões norteadoras (Anexo C).

Nesse roteiro foram pesquisados duas grandes áreas: a entrada na Universidade e as vivências/experiências na IES. Na entrada do aluno foi conversado sobre o processo de fazer uma graduação; se teve apoio da família para isto; o acolhimento na graduação e possíveis mudanças na vida entrando em um curso superior. Na segunda parte do grupo focal, a abordagem aprofundou os fatores positivos e dificuldades encontradas na vivência da instituição, a interferência desses fatores na vida e na saúde dos alunos

prounistas e como o aluno busca conciliar o estudo com o trabalho/estágio, caso isso ocorra. Também foi aplicado um Questionário de dados sociodemográfico (Anexo B). O mesmo teve como objetivos pesquisar dados gerais de identificação (idade, estado civil, número de filhos, qual turno que estuda, número de créditos concluídos, cidade onde nasceu, cidade onde reside); se trabalha ou estagia (dentro ou não de sua área de estudo); se tem pessoas significativas na sua vida e, em caso afirmativo, quais são; satisfação com o curso escolhido; se participa de atividade voluntária e com quem reside.

Procedimentos de pesquisa e éticos

O primeiro contato realizado foi com a Diretoria de Ação Social (DAS) da universidade pesquisada, explicando os objetivos da pesquisa e solicitando auxílio para o acesso aos dados dos alunos. Foi recebida uma carta de anuência da instituição, autorizando a realização da pesquisa com os alunos prounistas. Em uma planilha recebida com as informações dos alunos, foi averiguado que 3.664 prounistas tinham bolsas do Prouni (integrais e parciais). Ao filtrar esses dados, percebeu-se que 2.876 discentes recebiam bolsas integrais. Antes de realizar o sorteio dos participantes, foi pesquisado junto com o Núcleo de Assistência Estudantil (NAE) a relação de todos os alunos prounistas integrais que participam do PIEA. Essa segunda planilha continha 458 alunos (com bolsas parciais e integrais) que recebia algum tipo de auxílio do programa (apoio financeiro, pedagógico, psicológico e social). Desses, 317 alunos preenchiam os critérios de inclusão descritos anteriormente e estavam aptos a participar da pesquisa (alunos com bolsas integrais e que recebiam apoio de transporte e alimentação). Posteriormente, foi realizado um sorteio separado para cada grupo. Nessa

ocasião, foi utilizada uma tabela de números aleatórios para sortear os alunos participantes dos dois grupos focais.

A partir do sorteio, foram enviados 40 e-mails convidando os alunos a participarem da pesquisa (20 homens e 20 mulheres). Um grupo pequeno de alunos respondeu esse e-mail. Para aqueles que não retornaram via correio eletrônico foi realizado contato telefônico, após 5 dias, convidando para a pesquisa e explicando a importância da mesma. Ressalta-se que a ligação telefônica obteve um resultado mais efetivo do que o e-mail. Dois dias antes de cada grupo focal, foi enviado um novo e-mail e SMS (mensagem de texto) para cada participante, lembrando o dia, o horário e o local de realização do grupo focal. No total, 16 alunos aceitaram participar da pesquisa e, na data prevista, 13 prounistas compareceram nos dias dos grupos focais.

Foram desenvolvidos dois grupos focais: um grupo de bolsistas que recebiam benefícios do Programa de Inclusão Educacional e Acadêmica (PIEA) e outro grupo que não recebia esse benefício. Cada grupo foi composto por 7 e 6 alunos, respectivamente. Os grupos focais tiveram duração de 1 hora e 20 minutos cada um. Antes de cada grupo foi feito um contrato verbal de sigilo do que estava sendo tratado e que os resultados seriam apresentados de forma genérica, sem nomes divulgados. Em ambos houve filmagem de áudio e vídeo e também a participação de uma observadora (graduanda em Psicologia e assistente de pesquisa), a qual realizou a posterior transcrição das informações concedidas pelos participantes nos grupos. Os grupos ocorreram nas dependências da universidade, em horário vespertino, para facilitar o deslocamento dos alunos até a mesma e também não ocupar o horário da aula do turno da noite. No final de cada um, foi oferecido um lanche para os participantes. Foi ofertado aos alunos o reembolso das despesas com o transporte para a universidade, mas nenhum aluno manifestou interesse nesse sentido.

Este projeto de pesquisa foi encaminhado ao Comitê de Ética da Universidade onde foi realizada a pesquisa, para sua avaliação, e recebeu a aprovação de número 847.340. Foram observados todos os procedimentos éticos para pesquisa com seres humanos, seguindo as resoluções de números 466/2012 (Brasil, 2012) e 016/2000 (Conselho Federal de Psicologia [CFP], 2000). A coleta de dados somente ocorreu após aprovação do projeto pelo Comitê de Ética mencionado.

No dia, os participantes leram e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e responderam o questionário sociodemográfico antes da realização do grupo focal. O TCLE (Anexo A) foi lido e explicado a eles, no qual foi informado que suas identidades seriam preservadas e que a sua desistência não lhes incorreria em qualquer prejuízo. Cada participante levou consigo uma cópia do TCLE. Foram esclarecidas possíveis dúvidas antes da realização de cada grupo. No final dos grupos, realizou-se um agradecimento pela presença de todos. Foi combinado que o pesquisador comunicaria aos participantes, por e-mail, a data de defesa da dissertação e/ou disponibilizaria o link com o acesso da pesquisa concluída. Após o término da pesquisa, também será entregue uma cópia da dissertação para o gerente da DAS da universidade pesquisada.

Análise de dados

Para análise dos dados, considerando a totalidade das transcrições e registros dos dois grupos focais, foi utilizada a técnica de análise de conteúdo de Bardin (1977), com pré-análise, exploração do material e tratamento de resultados. Posteriormente, foram elencadas categorias mistas definidas a partir dos objetivos e do conteúdo relatado nos grupos.

Resultados

Primeiramente, serão apresentadas as principais características dos participantes, com intuito de demonstrar o contexto e as particularidades dos alunos prounistas pesquisados. Foram realizados dois grupos focais: um grupo de alunos que recebem auxílio financeiro do PIEA e outro grupo de estudantes que não recebem o auxílio deste programa. Ao total, treze alunos participaram dos grupos focais. O grupo foi composto por 8 mulheres e 5 homens, com idades entre 19 e 40 anos. Os cursos dos alunos pesquisados foram os seguintes: Arquitetura e Urbanismo; Ciência da Computação; Direito; Economia; Engenharia Civil; Letras; Logística; Nutrição; Psicologia e Publicidade e Propaganda. Todos os alunos se declararam solteiros e dois alunos informaram que têm filhos (um filho cada). Todos os alunos nasceram no Rio Grande do Sul, nas seguintes cidades: Alpestre, Bom Princípio, Dois Irmãos, Dom Pedrito, Estância Velha, Guaíba, Porto Alegre, Montenegro, Novo Hamburgo, Santa Maria e Santa Cruz do Sul.

Com relação ao período no curso, os alunos se encontravam do segundo ao sétimo semestre. Com relação aos créditos concluídos, 2 alunos não informaram esta resposta. Os outros 11 alunos informaram de 5 a 100 créditos concluídos. No que se refere ao turno que estudavam, 8 alunos informaram frequentar totalmente o período noturno, 4 alunos mais noturno que diurno e 1 aluno mais diurno que noturno. Nenhum aluno dos grupos assinalou a resposta totalmente diurno.

Seis alunos fazem estágio e /ou trabalham, variando a carga horária de 20 a 40 horas semanais. Na pergunta se trabalha dentro da área de atuação do seu curso, um aluno não respondeu, oito responderam sim e quatro alunos não atuam dentro da sua área. Dois alunos participam de pesquisa de iniciação científica na universidade (os dois alunos recebem auxílio do PIEA).

Com relação à satisfação com o curso escolhido, as notas variaram de 7,0 a 10,0. Três alunos informaram a nota 10,0 de satisfação. Quatro alunos participam de alguma atividade voluntária e 9 alunos não participam. Todos os alunos informaram que têm pessoas significativas que podem contar na maioria das situações diárias. Foram citados namorados (as); noivo; filho; mãe; irmãos, tios; amigos; pai e família. O destaque mencionado por 5 alunos foi a mãe como pessoa significativa.

Por fim, para a última pergunta do questionário sociodemográfico (“Você mora atualmente com?”), apareceram às seguintes respostas: mãe; pai e filho; pais e mãe e irmãos. Três alunos moram apenas com a mãe. Apenas um aluno mora sozinho.

As categorias foram definidas tendo em vista os objetivos e o relato produzido nos grupos focais, o que originou categorias e subcategorias mistas (a priori e a posteriori), as quais serão apresentadas nesse tópico juntamente com algumas falas selecionadas. Fez-se a opção de avaliar os fatores de proteção como processo, considerando as diferentes etapas da vivência acadêmica do aluno prounista (a opção por fazer um curso universitário, a entrada e o processo de adaptação, a vivência atual na universidade e as perspectivas futuras), frente aos estressores presentes na vida acadêmica.

A opção por fazer um curso universitário

Nessa categoria foram elencadas questões iniciais que contribuíram para a escolha pelo curso superior e por concorrer a uma bolsa integral do Prouni. A partir disso, emergiram as seguintes subcategorias: 1) apoio dos pais e familiares, amigos e professores; 2) primeiro da família a fazer uma graduação; 3) persistência para conseguir a bolsa e 4) reconhecimento pela conquista do Prouni.

Na subcategoria “apoio dos pais e familiares, amigos e professores” verificou-se que os participantes destacaram a importância do incentivo e apoio social recebidos de pessoas significativas na sua trajetória de vida:

Então desde pequena eu trabalhava na roça, carpindo mesmo, fazendo o trabalho braçal. E meus pais sempre me incentivaram, assim, dizendo é, esse trabalho é difícil, então procura estudar. Sempre tive muito incentivo deles, e eu fui crescendo com esse sentimento.

Quem me incentivou mesmo foi o meu dindo, o irmão da minha mãe, que tinha um pouco mais de visão.

Na verdade isso foi gerando em mim, a partir de pesquisa na internet, lendo algumas coisas, alguns amigos, do círculo de amizade que também foram prestando vestibular e tudo o mais. E aí mesmo sem eu saber qual o curso que eu ia fazer, eu acabei fazendo cursinho pré-vestibular.

[...] Mas a gente via que na escola (ensino médio) os professores incentivavam a fazer faculdade. Era uma coisa pra gente normal, sair do ensino médio e já entrar numa graduação.

Na subcategoria “primeiro da família a fazer uma graduação” evidenciou-se, na fala dos alunos, o orgulho de serem os primeiros da família a iniciar uma graduação, tanto por parte da família do pai quanto da família da mãe:

Eu sou a primeira da família, tanto do pai, quanto da mãe, a entrar numa graduação.

Eu sou Deus na minha família.

Meu avô simplesmente chorou quando ficou sabendo que eu consegui novamente a bolsa. Porque eles sabem, eles trabalharam na roça e eles não tiveram a condição.

Na terceira subcategoria, “persistência para conseguir a bolsa” os prounistas abordaram o caminho para conseguir a bolsa integral, no qual os desafios foram muito grandes e, mesmo assim, mantiveram a vontade de ingressar em um curso superior:

Daí eu iniciei o curso em 2010, inicialmente pagando, pagando com o seguro-desemprego a cadeira e daí depois eu fiz o Enem de novo, em 2010.

Eu fiz o vestibular na X (universidade pública) pra Letras. Passei, só que ao mesmo tempo eu tinha feito o Enem e consegui uma bolsa de Fotografia em Caxias do Sul. E daí eu fui morar em Caxias do Sul, morei por 1 ano e meio. Um ano numa república e meio ano na casa de um colega de trabalho. E, tá, eu vi que fotografia não ia me dar a independência financeira que eu queria, tão cedo. Então eu me decidi entrar pra Engenharia e daí eu fiz um semestre de Engenharia de Alimentos, pra tentar um estágio na área da química ainda e daí não deu certo. Então eu fiz o Enem de novo e, ao mesmo tempo que eu dava entrada no Enem, fiz o vestibular aqui da universidade.

Eu também fiz o Enem 3 vezes, perdi a data de inscrição. No primeiro eu passei e quando eu vi, já tinha encerrado o prazo pra entregar a documentação. No segundo eu rodei e no terceiro eu consegui a bolsa.

Na quarta e última subcategoria, “reconhecimento pela conquista do Prouni”, os alunos descrevem o alívio e a alegria de conseguirem uma bolsa integral, sendo que os esforços para ingressar em uma universidade privada foram alcançados.

E o Prouni trouxe isso, se não fosse o Prouni eu não estaria aqui certamente. Estaria terminando a História que é uma paixão (primeiro curso iniciado) porque é a área das Ciências Humanas, ao qual eu me identifico muito. Eu quero posteriormente depois terminar, mas o Direito seria difícil.

E o Prouni abriu esta oportunidade pra mim (estudar em uma IES particular). Então depois que eu consegui a bolsa foi um alívio pra eles assim, porque eu consigo me estabelecer melhor financeiramente.

Só que assim, eu vi aquela bola, aquela bolinha verde do lado assim... eu juro, sério, eu falo as pessoas não acreditam... eu desliguei o computador, liguei de novo, sai, voltei, tá tava verde, desliguei o computador, desliguei tudo e iniciei... voltei, tá verde, tá verde, eu comecei a gritar...

O processo de adaptação/acolhimento do prounista

Nessa categoria foram abordados aspectos iniciais que contribuíram para o processo de entrada e adaptação e acolhimento dos prounistas no curso superior. Comentaram sobre os primeiros passos da Universidade e como perceberam o acolhimento e o apoio neste momento. A partir disso, emergiram as seguintes subcategorias: 1) acolhimento/adaptação inicial e 2) orientação do coordenador na matrícula.

Na subcategoria “acolhimento e adaptação inicial dos alunos”, foi relatado às percepções sobre o acolhimento, com destaque para o esforço da instituição para encontrar os alunos para participar do programa PIEA. Os alunos comentaram o apoio da instituição e dos professores.

Desde o primeiro momento, todo o auxílio que eu precisei, que eu liguei, informação disso, informação daquilo. O próprio auxílio alimentação, auxílio transporte que a gente recebe, ajuda muito.

Foi tranquila a acolhida, foi junto com os colegas, os professores e toda assistência técnica da Universidade. Algo tudo imenso assim. Mas não senti

muita diferença nisso. O que eu quero ressaltar na verdade, que foi interessante, é que quando o contato que me fizeram aqui pela Universidade, não me acharam na primeira vez, enfim, me contataram num horário de trabalho e eu não consegui atender e tudo o mais. Eles ligaram pra um segundo número, que no fim era da minha mãe, a minha mãe acabou me ligando e no fim deu tudo certo assim. Eu fico pensando, poxa se os caras tivessem desistido na primeira, talvez eu não teria estudando aqui agora, provavelmente não. Isso foi algo bem interessante assim, em prol da universidade.

Os professores, pelo menos do meu curso assim, eu não posso falar pelos dos outros, mas os meus, todo o apoio.”

Na segunda subcategoria, “orientação do coordenador na matrícula”, os alunos discutiram o papel do coordenador na primeira matrícula, conhecida como “matrícula orientada” na Universidade. O coordenador recebe os alunos e familiares, faz uma breve apresentação do curso e orienta sobre as disciplinas ideais para cursar no primeiro semestre. Após acompanha os alunos até o setor de matrículas, para a efetivação das mesmas.

No meu caso tava o coordenador do curso lá e ele também falava o curso é assim, assim, no primeiro semestre tu pega tais e tais cadeiras pra ti se habituar e tudo mais e foi mais pra guiar o que se fazer nas dificuldades.

A vivência atual na universidade

Nesta categoria, os alunos relataram como estavam vivenciando o período em que se encontravam na época da coleta da pesquisa e os fatores que contribuía para a continuidade da vida acadêmica. Destacaram-se as seguintes subcategorias: 1) Reconhecimento posterior dos pais sobre estar cursando uma graduação; 2) Força de vontade/energia/determinação; 3) Reconhecimento intelectual dos pares; 4) Programa de apoio ao aluno prounista da Universidade e 5) Apoio da família e do chefe durante o curso.

Na primeira subcategoria “reconhecimento posterior dos pais sobre estar cursando uma graduação”, emergiram falas emocionadas dos filhos, quando relataram

que inicialmente os pais não tinham muita ideia do que era uma graduação e reconheceram, em um segundo momento, o esforço do filho.

Mas agora eles, os meus pais agora estão felizes que eu esteja fazendo faculdade, porque eles sabem que não é mais tão fácil ter um futuro lá fora sem alguma graduação, sem alguma pós. Assim eles ficam felizes que eu esteja fazendo.

Na segunda subcategoria “força de vontade/energia/determinação”, os prounistas falaram do esforço em continuar a graduação e como administram o tempo no dia a dia.

Tu tem que ter muita força, como eu digo, tem que ter força na peruca, entendeu. Tu tem que gostar do que tu trabalha, tem que gostar do curso que tu faz, tu tem que ter muita energia, porque é muito difícil, sabe.

E como a gente quer muito, a gente se vira nos 30, né. A gente se vira nos 30 pra poder dar conta, então quer dizer, tu ganhou algo, tu tem que se movimentar pra poder, pra isso dar certo. Pra ter uma continuidade, início, meio e fim do curso. Porque eu não tô mais conseguindo resolver as coisas, a minha vida, mas ai tu... dá em todo o mundo né... baixa né... dai daqui a pouco tu sabe... claro tu diz isso, mas não é real porque o teu querer é maior. Então respira e vai de novo.

Na subcategoria seguinte, o “reconhecimento intelectual dos pares”, os alunos pesquisados abordaram a satisfação em serem considerados alunos com um diferencial pelos colegas e serem reconhecidos como ótimos estudantes, porque foram aprovados no ENEM.

[...] as pessoas quando tu fala que é bolsista 100%, as pessoas já te jogam lá em cima achando que tu é um gênio.

Mas realmente eles (colegas) vêem assim como: “Ai, tu conseguiu passar no Enem?”, como se fosse uma coisa máxima, né? “Como é que tu conseguiu?”

“Quando é trabalho em grupo eles (colegas) já vão “aquela ali tem Prouni 100%, vamos pra ela que ela tirou uma nota boa”.

Parece que fez mágica.

Na subcategoria “Programa de apoio ao aluno prounista da Universidade”, os alunos que se beneficiam desse programa destacaram uma maior tranquilidade para poder vivenciar a vida acadêmica, entre as quais terem a oportunidade de participar de um grupo de pesquisa da Universidade, fazer mais disciplinas e de manter-se estudando.

E aí depois eu fui chamada por e-mail, pra participar do programa de apoio lá, do transporte e tal. E isso foi uma surpresa muito boa pra mim, porque eu tava vendo que ia ter uma série de dificuldades de me manter estudando aqui.

Com o dinheiro da passagem, dá para conseguir fazer mais disciplinas, porque tu pode vir mais vezes (agilizar o curso).

Desde que iniciei na universidade, já fiz várias bolsas de pesquisa, em vários PPGs já.

Na subcategoria “apoio da família e do chefe durante o curso”, os alunos descrevem o apoio recebido dos familiares e do gestor como um fator essencial para permanecer estudando.

A minha família pelo menos se eu to estudando, eu não lavo uma louça em casa. Então assim, tu tem que contar muito com o apoio de todo o mundo, eu tenho um filho de 12 anos também, entendeu. Então assim, as pessoas tem que te ajudar.

[...] mas eu tenho esse apoio dela (da chefe) também, como no semestre passado, eu consegui fazer 7 cadeiras, inclusive uma de manhã à distância, liberação quando tem que fazer as provas, tempo pra fazer os trabalhos. Tudo vai se ajeitando, tem que ajeitar as coisas.

Eu boto uma placa na porta, não entre por favor, entendeu. Então assim, a família tem que ajudar, isso é muito importante, senão tu não consegue, tá.

No trabalho às vezes eu to lá e digo assim pro meu gestor, olha só, eu preciso fazer um trabalho. Então eu paro o que to fazendo, muitas vezes durante o dia, pra fazer trabalho da faculdade.

Perspectivas futuras

Essa categoria representa as mudanças, aprendizagens e possibilidades proporcionadas pelo curso superior, bem como as perspectivas futuras diante dessa vivência. É dividida nas seguintes subcategorias: 1) Abertura de horizontes; 2) Contribuir para uma sociedade mais humana e 3) Esperança de um futuro melhor.

Na primeira subcategoria “abertura de horizontes”, os prounistas relataram o estudo como uma possibilidade de ampliar as perspectivas e terem outras visões de mundo.

É uma amplitude de horizontes pra gente. Porque tu sai daquela zona de conforto né, porque tu tá junto com a família enfim, ou no teu mundo pequeno e a universidade é bem maior. É como se fosse... é cosmopolita né... porque tudo se conflui, quer dizer são todas as classes sociais, pensamentos diferentes e isso é bom porque te conflita, mas depois ao mesmo tempo te faz ver que o mundo é maior do que tu pensa e vê. Isso é legal.

[...] e sempre com esta questão do trabalho e no trabalho eu vi que se não tivesse uma graduação, ou alguma coisa neste sentido, eu nunca ia conseguir sair. É tipo um platô, né, era o máximo que eu conseguia trabalhar e crescer na vida depois de 20, 30 anos dentro de uma empresa.

Na subcategoria “contribuir para uma sociedade mais humana” apareceram falas envolvendo uma preocupação com o papel social de cada um na construção de uma sociedade melhor e mais solidária.

[...] eu acho que em todos os cursos na verdade, tu tá fazendo de uma certa forma, a diferença na sociedade. De uma certa forma tu tá devolvendo, pelo menos o que o Estado, ou a própria população tá te dando em tese.

Eu acho que é essa vivencia assim, essa gratificação assim é muito legal. Tu dizer que construiu isso ali ou dizer que veio entregar isso aqui ou até pra quem faz Letras, eu ensinei a pessoa tal ou o Direito. Eu acho que tá mudando as vidas das pessoas.

Eu quero olhar o outro como o meu igual e poder ajudar sabe. E o Direito como qualquer outro curso, a gente pode construir uma sociedade. Eu não to falando isso pra ah... pode ser uma utopia, mas eu acho que eu tenho que começar, eu tenho que fazer a minha parte.

Na terceira e última subcategoria, “esperança de um futuro melhor”, os alunos comentaram que o fato de cursar graduação pode proporcionar um futuro melhor e com possibilidades de ascensão profissional.

[...] a minha mochila era uma sacolinha de açúcar, minha mãe amarrava uma sacolinha de açúcar e um cadarço, (para ir para a escola). Então eu carreguei isso comigo, sempre dizendo, um dia eu vou melhorar, um dia eu vou estudar, um dia eu vou pra faculdade.

[...] mas eu sinto orgulho de falar que eu to perdendo o meu tempo pra estudar. Porque isso vai te trazer um retorno (financeiro) muito grande depois.

[...] é uma visão pessoal minha, sabe. Eu não quero fazer faculdade pra viver sempre no mesmo lugar. Eu quero ir o mais além possível.

Discussão

Diante do objetivo principal, que foi caracterizar os fatores de proteção para cursar uma graduação de alunos prounistas, de uma universidade privada do Rio Grande do Sul, que recebem bolsa integral, evidenciou-se o papel relevante da família durante o processo de escolha e vivência de uma graduação. De um modo geral, os estudantes consideraram, de forma significativa, a opinião da família no momento de escolher a

graduação que iriam cursar. Isso vai ao encontro da literatura sobre orientação profissional, uma vez que sabe-se que a implementação de decisões de carreira é permeada por uma atuação direta ou indireta dos pais, seja por meio da relação que estabelecem com os filhos ou das atividades que desempenham (Carvalho & Taveira, 2012).

As mensagens verbais ou atitudinais, implícitas ou explícitas, que intencionalmente ou não se transmitem na vida cotidiana familiar contribuem consideravelmente para a construção dos projetos profissionais dos filhos (Gonçalves & Coimbra, 2007). A influência indireta ocorre, por exemplo, quando o nível socioeconômico e cultural da família influencia as pretensões educacionais do indivíduo. Já a influência direta é caracterizada pela opinião dos pais sobre as escolhas profissionais dos filhos (Magalhães, Alvarenga, & Teixeira, 2012). Além disso, a profissão dos pais e a forma como eles vivenciam suas ocupações também é um fator influente na decisão dos jovens, visto que o filho estabelece conceitos e valores acerca das profissões de acordo com o que é falado e transmitido pelos genitores (Almeida & Pinho, 2008).

Os participantes também ressaltaram o apoio (afetivo e financeiro) que receberam dos pais principalmente no início do curso de graduação. Na maioria dos casos, é na família que o jovem encontra suporte financeiro para a realização do seu projeto profissional. Muitos vivem na casa dos pais, não trabalham e, geralmente, continuam assim até concluir os estudos e/ou conseguirem um emprego. Diante dessa realidade, é possível entender o motivo de alguns jovens sentirem dificuldades para enfrentar seus pais, caso sua escolha não seja aquela esperada por eles (Santos, 2005).

Contudo, nesta pesquisa, uma acadêmica do curso de Letras comentou que não abandonou sua escolha por essa graduação, mesmo diante do estranhamento inicial de

seu pai quando ela informou para ele que iria cursar uma licenciatura. Uma área que vem perdendo gradativamente a sua valorização financeira e profissional. Sabe-se que isso vai de encontro ao que frequentemente ocorre, uma vez que a maioria dos jovens parece necessitar do respaldo familiar para se sentir confortável com a decisão que tomou. Há evidências de que jovens que sentem muita liberdade para escolher nem sempre se sentem felizes e seguros com as decisões (Santos, 2005). Uma maneira dos pais minimizarem esse sentimento é oferecer liberdade, juntamente com opiniões não invasivas (Santos, 2005; Soares, 2002), já que a quantidade e a qualidade das informações fornecidas pelos pais sobre as profissões e o mundo do trabalho influenciam nas aspirações profissionais dos jovens (Pocinho, Correia, Carvalho, & Silva, 2010).

Ressalta-se que escolher um curso superior é um projeto de vida (Levenfus & Soares, 2009) e a maior parte do grupo estudado conseguiu concretizá-lo. A escolha profissional é entendida como o modo que o sujeito opta para se inserir no mundo, e através da profissão escolhida, modificá-lo. Quem decide por seguir determinada profissão está pensando em qual sentido que pretende dar para a sua vida, já que, ao escolher uma profissão, as pessoas traduzem a visão que tem de si em termos ocupacionais e é o desempenho desse papel ocupacional que permitirá ao indivíduo tornar-se quem deseja ser (Savickas, 2002). Portanto, a escolha profissional permeia não só a satisfação laboral, mas também a satisfação pessoal (Almeida & Pinho, 2008; Barreto & Aiello-Vaisberg, 2007; Gabel & Soares, 2006).

Após os alunos prounistas optarem por um dentre os diversos cursos de graduação disponíveis, eles precisam preparar-se para participar do ENEM. Geralmente, os alunos disputam várias vezes até conseguir a aprovação nesse exame. A cada ano estão aumentando o número de candidatos para a realização do ENEM, sendo que no

ano de 2014 quase 8 milhões de alunos se inscreveram (MEC, 2015). Foi mencionada pelos participantes desta pesquisa a necessidade de persistir realizando as provas do ENEM até conseguirem a aprovação ou a matrícula efetiva no curso desejado.

Estas tentativas exigem determinação, planejamento e esforço, pois os alunos estudam por conta própria e no pouco tempo que dispõe. Ter a documentação em dia depois da aprovação é uma segunda condição para cumprir os prazos das universidades. Muitas vezes, os alunos têm que ser ágeis para cumprir todas as exigências legais.

Ser o primeiro da família a cursar uma graduação evidencia orgulho em estar estudando e abrir possíveis caminhos futuros para os outros (da família, amigos e vizinhos), mas também traz mais o desafio de entrar no mundo acadêmico com pouca ou nenhuma referência de pessoas próximas (Rocha, 2011). Contudo, esse impacto pode ser minimizado se na entrada na graduação a organização da universidade auxiliar os alunos prounistas nas primeiras semanas de aula, tanto na localização física quanto nas orientações de matrícula. Ter um coordenador que se coloque como referência tranquiliza os alunos e aproxima a coordenação do corpo discente.

Sabe-se que certas características contextuais das IES facilitam a adaptação do aluno ao ambiente acadêmico (Soares, Poubé, & Mello, 2009). É responsabilidade da instituição fornecer informações de qualidade aos universitários sobre o contexto acadêmico e as suas normas. Além disso, essa deve auxiliar os estudantes a usufruir sem dificuldades dos benefícios que a universidade pode lhes oferecer, por exemplo, bibliotecas, restaurante universitário, unidades e serviços e bolsas de Iniciação Científica (Igue, Bariani, & Milanesi, 2008; Teixeira et al., 2008).

De fato, a ausência de orientação em relação aos processos burocráticos universitários é percebida pela maioria dos estudantes como um dos principais obstáculos à adaptação ao meio universitário, já que dificulta a ambientação à

instituição e à sua rotina. As primeiras exigências universitárias burocráticas, como confirmação de vaga, matrícula e carteiras estudantis, podem fazer com que alguns acadêmicos se sintam perdidos frente ao cotidiano universitário (Teixeira et al., 2008). É evidente a relevância que um contexto acadêmico bem estruturado, em termos de informação e de apoio, tem para o ajustamento ao curso universitário e, conseqüentemente, à vida acadêmica. O ambiente e a cultura organizacional da instituição repercutem no desenvolvimento e desempenho do estudante, da mesma forma que aspectos estruturais, como tamanho e condições dos prédios e laboratórios, e recursos eletrônicos disponíveis (Igue et al., 2008; Teixeira et al., 2008).

Neste estudo também evidenciou-se que ter mais tranquilidade financeira permite que o prounista possa vivenciar a universidade e não necessite buscar outras alternativas para obter os subsídios para a sua sobrevivência diária (alimentação, transporte, cópias de livros e artigos, entre outros). Ao pensar sobre isso, foram criados os serviços de atendimento a universitários, cuja finalidade é dar assistência social, econômica, física e psicológica aos acadêmicos (Assis & Oliveira, 2011). A União Nacional de Estudantes descreve a assistência estudantil como o conjunto de políticas que objetivam garantir a redução das desigualdades socioeconômicas e culturais, o combate à evasão e a promoção de uma formação completa, equânime a todos os estudantes (União Nacional de Estudantes [UNE], 2003). Assim, iniciativas desenvolvidas nas áreas de moradia, de alimentação, de transporte, de assistência à saúde, de inclusão digital, de cultura, de esporte e de apoio pedagógico são ações voltadas para a assistência estudantil (Assis & Oliveira, 2011). Para os prounistas que participaram do estudo, o PIEA garante em parte a segurança econômica e permite que o prounista se concentre mais nos estudos. Eventualmente, a família de origem pode

auxiliar nesses gastos, mas, no caso dos participantes desta pesquisa, a manutenção na graduação dependia primordialmente do próprio aluno.

Outra questão significativa que apareceu nos grupos focais foi o reconhecimento intelectual dos pares com os alunos prounistas. Não apareceram questões de discriminação por serem bolsistas, as quais frequentemente estão presentes em alunos cotistas, por exemplo, que esforçam-se durante toda a graduação para provarem para os pares que frequentam o ensino médio por mérito (Nery & Costa, 2009). Ao contrário, os próprios colegas reconheciam o esforço cognitivo dos prounistas desta pesquisa para alcançar uma boa colocação no Enem. Os alunos regulares (não bolsistas) buscavam maior proximidade nos trabalhos em grupos e avaliações com os bolsistas, pois os percebiam com um diferencial de inteligência. Outra forma de valorização/reconhecimento apontada pelos participantes vem da família ou da comunidade, ambas salientadas pelo fato deles estar conseguindo estudar em uma graduação e isso ter um *status* maior perante a sociedade.

Somado a isso, ter o apoio do chefe durante o ensino superior foi relatado por vários alunos dos grupos como um fator para conseguir dar continuidade a graduação. Esse apoio pode ocorrer por meio de uma flexibilização de horários no trabalho em momentos críticos durante o semestre (provas ou entrega de avaliações, por exemplo) ou mesmo na reorganização no horário de trabalho para encaixar as disciplinas ofertadas pela universidade em cada semestre.

Toda a caminhada dos prounistas, antes e durante a graduação, tem um objetivo claro de se formarem, melhorar a sua perspectiva de vida e contribuir para um futuro melhor e uma sociedade mais solidária. Ter uma expectativa de conclusão do curso é mais um aspecto que auxilia os alunos a persistirem na sua caminhada.

Considerações Finais

Este artigo teve como objetivo caracterizar os fatores de proteção para cursar uma graduação de alunos prounistas, de uma universidade privada do Rio Grande do Sul, que recebem bolsa integral. Nesta pesquisa percebeu-se que, assim como no estudo de Rocha (2011), os jovens reconhecem o seu contentamento por estarem estudando em uma universidade privada, graças ao auxílio da bolsa Prouni, mas também estão cientes das suas limitações por não conseguirem se dedicar de caráter integral aos estudos. De um modo geral, os jovens da pesquisa demonstraram ter clareza nos seus objetivos de vida e dar importância à continuidade na graduação. Apesar das preocupações e das dificuldades, o ingresso em um curso de graduação pode fazer uma diferença significativa nas suas vidas em termos financeiros e sociais.

Entrar em um espaço acadêmico exige investimento pessoal e energia por parte dos alunos. Não é apenas um mundo de conhecimento que está sendo apresentado, mas um espaço que vai demandar autonomia e responsabilidade diretamente dos discentes, pois serão responsáveis pelos próprios passos (respeitar horários e estudar das provas, por exemplo).

Os dados indicam que os fatores de proteção podem estar presentes na vivência acadêmica de qualquer aluno, seja prounista ou não. Assim como a resiliência, os fatores de proteção foram entendidos como processo neste estudo. Esses podem atuar individual ou de forma combinada com outros fatores para auxiliar, de forma positiva, a caminhada durante a graduação. Cabe ressaltar que os fatores de proteção se sobressaem em períodos difíceis e turbulentos, e não em situações tranquilas.

Este estudo espera motivar mais pesquisadores a aprofundarem os conhecimentos sobre os fatores de proteção e aspectos da resiliência como processo. A partir dos resultados alcançados, almeja-se pensar em programas preventivos para futuros alunos prounistas, identificando e auxiliando os jovens a enfrentarem as adversidades na vida, fortalecendo os vínculos com a Universidade e com a comunidade. Espera-se também que esta pesquisa possa trazer subsídios que auxiliem na capacitação de uma equipe multidisciplinar para acompanhar os alunos, sejam eles prounistas ou não, na continuidade de sua vivência acadêmica.

Por fim, ressalta-se que esta pesquisa foi realizada com um grupo de estudantes específicos. Possivelmente, alunos prounistas de outras regiões e universidades apresentem vivências acadêmicas diferentes das relatadas neste estudo, o que pode fazer com que se utilizem de outros fatores de proteção para enfrentar as dificuldades. Por isso, sugere-se a realização de mais pesquisas, tanto qualitativas quanto quantitativas, para entender melhor essa realidade e auxiliar na promoção de saúde mental desse grupo durante a sua vivência acadêmica.

Referências

- Almeida, L. S., Guisante, M. A., Soares, A. P., & Saavedra, L. (2006). Acesso e sucesso no ensino superior em Portugal: questões de género, origem sócio-cultural e percurso académico dos alunos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 19(3), 507-514.
- Almeida, M. E. G. G., & Pinho, L. V. (2008). Adolescência, família e escolhas: implicações na orientação profissional. *Psicologia Clínica*, 20(2), 173-184.
- Assis, A. D., & Oliveira, A. G. B. (2011). Vida universitária e saúde mental: atendimento às demandas de saúde e saúde mental de estudantes de uma universidade brasileira. *Cadernos Brasileiros de Saúde Mental*, 2(4-5), 159-177

- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Martins Fontes.
- Barreto, M. A., & Aiello-Vaisberg, T. (2007). Escolha profissional e dramática do viver adolescente. *Psicologia & Sociedade*, 19(1), 107-114.
- Borges, R. C. P., & Coutinho, M. C. (2010). Trajetórias juvenis: Significando projetos de vida a partir do primeiro emprego. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 11(2), 189-200.
- Brasil. (2005). *Lei nº 11.096*. Institui o Programa Universidade para Todos – Prouni.
- Brasil. (2012). *Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012*. Aprova normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos.
- Brito, M. M. L. (2006). *Juventude, pobreza e trabalho: desafios para o mundo contemporâneo*. Dissertação de mestrado, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil.
- Carvalho, C. H. A. (2006). O ProUni no Governo Lula e o Jogo Político em torno do Acesso ao Ensino Superior. *Educação & Sociedade*, 27(96), 979-1000.
- Carvalho, M., & Taveira, M. C. (2012). A implementação de decisões vocacionais: revisão da literatura. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 13(1), 27-35.
- Conselho Federal de Psicologia – CFP (2000). *Resolução n. 016/2000, de 20 de dezembro de 2000*. Dispõe sobre a realização de pesquisa em psicologia com seres humanos.
- Gabel, C. L. M., & Soares, D. H. P. (2006). Contribuições da Terapia Familiar Sistêmica para a Escolha Profissional. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 7(1), 57-64.
- Gatti, B. A. (2005). *Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas*. Brasília: Líber Livro.
- Gibbs, G. (2009). *Análise de dados qualitativos*. Porto Alegre: Artmed.

- Gonçalves, C. M., & Coimbra, J. L. (2007). O Papel dos Pais na Construção de Trajectórias Vocacionais dos seus Filhos. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 8(1), 1-17.
- Guilland, R., & Monteiro, J. K. (2010). Jovens e desemprego: estado da arte. *Psicologia: Organizações e Trabalho*, 10(2), 145-158.
- Igue, E. A., Bariani, I. C. D., & Milanesi, P. V. B. (2008). Vivência acadêmica e expectativas de universitários ingressantes e concluintes. *Psico-USF*, 13(2), 155-164.
- Levenfus, R. S., & Soares, D. H. P. (2009). *Orientação Vocacional Ocupacional*. Porto Alegre: Artmed.
- Libanio, J. B. (2004). *Jovens em tempos de pós-modernidade: considerações socioculturais e pastorais*. São Paulo: Loyola.
- Magalhães, M. O., Alvarenga, P., & Teixeira, M. A. P. (2012). Relação entre estilos parentais, instabilidade de metas e indecisão vocacional em adolescentes. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 13(1), 15-25.
- Melillo, A., & Ojeda, E. N. S. (2007). *Resiliência: descobrindo as próprias fortalezas*. Porto Alegre: Artmed.
- Ministério da Educação – MEC (2015). *ProUni – Dados e Estatísticas*. Recuperado em 20 de julho de 2015, de <http://prouniportal.mec.gov.br/dados-e-estatisticas>
- Nery, M. P., & Costa, L. F. (2009). Política afirmativa racial: polêmicas e processos de identidade do cotista universitário. *Psico-USF*, 14(2), 211-220.
- Pocinho, M. D., Correia, A., Carvalho, R. G., & Silva, C. (2010). Influência do gênero, da família e dos serviços de psicologia e orientação na tomada de decisão de carreira. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 11(2), 201-212.
- Poletto, M., & Koller, S. H. (2008). Contextos ecológicos: promotores de resiliência, fatores de risco e proteção. *Estudos de Psicologia*, 25(3), 405-416.

- Ribeiro, M. A. (2011). Juventude e trabalho: construindo a carreira em situação de vulnerabilidade. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 63, 58-70.
- Rocha, M. A. M. (2011). *Processo de inclusão ilusória: o jovem bolsista universitário*. Jundiaí: Paco Editorial.
- Rutter, M. (1985). Resilience in the face of adversity: protective factors and resistance to psychiatric disorder. *British Journal of Psychiatry*, 147(6), 598-611.
- Santos, A. A. A., Mognon, J. F., Lima, T. H., & Cunha, N. B. (2011). A relação entre vida acadêmica e a motivação para aprender em universitários. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, 15(2), 283-290.
- Santos, L. M. M. (2005). O papel da família e dos pares na escolha profissional. *Psicologia em Estudo*, 10(1), 57-66.
- Savickas, M. L. (2002). Career Construction: A developmental Theory of Vocational Behavior. In: D. Brown & L. Brooks (Eds), *Career Choice and Development* (pp.149-205). 4th Ed. San Francisco: Jossey-Bass.
- Secunho, C. F. (2012). *Resiliência: a arte de enfrentar a adversidade no ciclo da vida*. Brasília: Thesaurus.
- Soares, A. B., Poubé, L. N., & Mello, T. V. S. (2009). Habilidades sociais e adaptação acadêmica: um estudo comparativo em instituições de ensino público e privado. *Aletheia*, 29, 27-42.
- Soares, D. H. P. (2002). *A escolha profissional: do jovem ao adulto*. São Paulo: Summus.
- Sobrosa, G. M. R., Santos, A. S., Oliveira, C. T., & Dias, A. C. G. (2014). Perspectivas de futuro profissional para jovens provenientes de classes socioeconômicas desfavorecidas. *Temas em Psicologia*, 22(1), 223-234.

- Tavares, D. M. (2012). *Adaptação ao Ensino Superior e Otimismo em Estudantes do 1º ano*. Dissertação de mestrado, Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal.
- Teixeira, M. A. P., Dias, A. C. G., Wottrich, S. H., & Oliveira, A. M. (2008). Adaptação à universidade em jovens calouros. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, 12(1), 185-202.
- União Nacional de Estudantes – UNE (2003). *Reforma Universitária com democracia e por soberania*.
- Valore, L. A., & Viaro, R. V. (2007). Profissão e sociedade no projeto de vida de adolescentes em orientação profissional. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 8(2), 57-70

Estudo 2

Dificuldades de Alunos Prounistas para Ingressar e Permanecer no Ensino Superior

Introdução

Muitos jovens brasileiros possuem a expectativa de cursar uma graduação, embora muitas vezes, esse desejo seja barrado por obstáculos culturais e econômicos, especialmente em jovens provenientes de classes socioeconômicas desfavorecidas (Sobrosa, Santos, Oliveira, & Dias, 2014). Isso acontece porque, com frequência, eles não possuem condições de ensino de qualidade para competir por vagas da educação superior pública em igualdade com os indivíduos de alto poder aquisitivo. Além disso, a maioria não apresenta recursos financeiros para arcar com as despesas de cursar uma graduação em uma universidade privada (Oliveira, Pinto, & Souza, 2003).

Diante dessa realidade, o governo federal brasileiro institucionalizou em 2005, a partir da lei 11.096, o Programa Universidade para Todos (Prouni). Esse programa foi criado com o intuito de beneficiar estudantes de baixa renda por meio do ingresso em um curso de graduação e a consequente conquista de uma profissão (Brasil, 2005). O Prouni possibilita que jovens provenientes de classes socioeconômicas desfavorecidas recebam bolsas de estudos em Instituições de Ensino Superior (IES) privadas, as quais ganham isenção de impostos em troca da concessão dessas bolsas (Limena, Rodrigues, Petraglia, & Almeida, 2011).

Sabe-se que conquistar uma vaga no ensino superior gera sentimentos de realização e alegria para a maioria dos jovens (Almeida, 2007). Contudo, o ingresso em uma IES, possivelmente, é uma das mudanças mais difíceis que os jovens se deparam no decorrer de suas vidas (Feldt, Graham, & Dew, 2011). O ambiente acadêmico é permeado por mudanças que requerem do estudante que ele corresponda às cobranças

de bom desempenho e se adapte às novas regras da instituição na qual está se inserindo e às pessoas com ela envolvida, como colegas, professores e funcionários. As primeiras demandas universitárias burocráticas (confirmação de vaga, matrícula, cadastro na biblioteca e no Restaurante Universitário), o nível de exigência das aulas, o grande volume de leituras e a cobrança de trabalhos podem ser percebidas como bruscas, o que faz com que alguns discentes se sintam perdidos, confusos e inseguros frente ao cotidiano universitário (Teixeira, Dias, Wottrich, & Oliveira, 2008).

Essa confusão e insegurança, juntamente com as alterações no círculo de relacionamentos familiares e sociais, podem desencadear situações de crise entre os universitários. O início da vida adulta, que, usualmente, ocorre durante a entrada na universidade, tende a ser uma fase do ciclo vital propícia para o surgimento de transtornos mentais (Neves & Dalgarrondo, 2007). A quantidade de universitários que se encontram em sofrimento psíquico é cada vez maior, além de haver um aumento da gravidade dos problemas mentais apresentados por essa população (Hyun, Quinn, Madon, & Lustig, 2006).

É comum que universitários sejam acometidos por distúrbios não psicóticos, isto é, transtornos mentais menores, os quais englobam sintomas ansiosos, depressivos e somáticos (Carneiro & Baptista, 2012, Cerchiari, Caetano, & Faccenda, 2005, Neves & Dalgarrondo, 2007), além de apresentarem estresse e disfunção alimentar (Sulkowski & Joyce, 2012). Ademais, alguns estudantes recorrem ao uso e abuso de drogas lícitas e/ou ilícitas para enfrentar as dificuldades advindas da entrada na universidade (Assis & Oliveira, 2011).

Além das dificuldades inerentes ao processo de ingresso em uma universidade, frequentemente os alunos prounistas se deparam com problemas financeiros. Apesar do Prouni propiciar a inclusão acadêmica de jovens desfavorecidos economicamente, que

de outra forma não teriam condições de ingressar em uma IES particular, este programa por si só não garante a continuidade dos estudos desses alunos. Além da mensalidade, outros aspectos são indispensáveis para a continuação da graduação, tais como livros didáticos, transporte, moradia e alimentação (Souza, 2011). Para arcar com essas despesas a maioria dos alunos prounistas precisa trabalhar. Muitos acabam evadindo de seu curso por não conseguirem conciliar a jornada acadêmica com o trabalho (Oliveira et al., 2003). Assim, mesmo diante do aumento das oportunidades de acesso ao ensino superior para um número cada vez maior de estudantes, o êxito na graduação ainda se encontra diferenciado por classe social (Almeida, Guisante, Soares, & Saavedra, 2006).

Devido a essas adversidades, são crescentes os casos de insucesso de alunos no ensino superior. O insucesso pode ser manifestado por altos índices de absentéismo, disciplinas em atraso, mudanças de curso, evasão de universidades e aumento da procura de universitários e recém-formados por processos de aconselhamento de carreira (Bardagi & Hutz, 2012; Igue, Bariani, & Milanesi, 2008). A falta de um maior conhecimento sobre o que é a universidade e o que esperar dela, tanto em termos acadêmicos quanto pessoais, são fatores que podem agravar as dificuldades de adaptação a esse novo contexto (Teixeira et al., 2008) e fazer com que os discentes tenham dificuldade em superar os fatores de risco que se apresentam para eles. Estas adversidades podem se constituir em fatores de risco.

Os fatores de risco são eventos negativos de vida e, quando presentes, aumentam a probabilidade da pessoa apresentar problemas físicos, sociais ou emocionais (Poletto & Koller, 2008). Esses fatores integram o processo de resiliência, entendida como a capacidade de superação de problemas do dia a dia e o fortalecimento após o enfrentamento de uma situação adversa (Melillo, 2007). Conforme mencionado, os alunos prounistas enfrentam muitas adversidades para ingressar, permanecer e

concluir uma graduação. Contudo, essas dificuldades ainda são pouco conhecidas. Por isso, este artigo objetivou caracterizar os fatores de risco para cursar uma graduação de alunos prounistas com bolsa integral de uma universidade privada do Rio Grande do Sul.

Método

A pesquisa apresenta um método qualitativo, de caráter exploratório transversal. Segundo Turato (2008), a pesquisa qualitativa tem por interesse analisar as significações que o objeto de estudo (indivíduo ou um grupo) confere aos fenômenos da natureza nos quais está envolvido.

Participantes

A pesquisa contou com a participação de 13 alunos prounistas (5 homens e 8 mulheres) de graduação de uma universidade privada localizada no Rio Grande do Sul, com bolsa integral de 100%. Foram critérios de inclusão os alunos com bolsa Prouni de 100% (preferencialmente desde o início da graduação) serem maiores de 18 anos, estudarem na modalidade presencial e estarem regularmente matriculados na cidade sede da Universidade. Realizar estágio ou ter alguma atividade remunerada não foram considerados critérios de exclusão.

Os alunos prounistas participantes desta pesquisa estão matriculados em uma universidade que, na época da pesquisa, contava com mais de três mil e setecentos alunos com bolsas parciais e integrais (50% ou 100%) do Governo Federal. Em março de 2014, 2687 alunos tinham bolsa de 100% e 1001 alunos com bolsa parcial, segundo dados da Diretoria de Ação Social (DAS) da Instituição. No segundo semestre de 2014, 2795 alunos permaneciam com bolsa integral e 906 alunos com bolsa parcial. Esta

pesquisa abordou apenas os alunos com bolsas integrais (100%). A Universidade pesquisada passou a conceder, a partir de 2014, apenas bolsas de estudo integrais.

A mantenedora desta Instituição pesquisada, atenta a estas dificuldades dos alunos prounistas, criou o Programa de Inclusão Educacional e Acadêmica (PIEA) no ano de 2010. Este programa é destinado aos alunos com a bolsa integral do Prouni, e tem como objetivo qualificar a aprendizagem pela construção do conhecimento para a melhoria do desempenho acadêmico e a qualidade de vida dos estudantes. O programa disponibiliza apoio financeiro, pedagógico, psicológico e social. O programa oferece semestralmente auxílio financeiro para transporte e alimentação para mais de 300 alunos prounistas integrais.

Instrumentos

Como instrumentos de pesquisa foram utilizados o *grupo focal* e um questionário sociodemográfico. Segundo Gatti (2005), grupo focal é uma técnica em que os participantes são selecionados conforme critérios relacionados com o problema de pesquisa, os quais possuem características comuns que os possibilitam discutir as questões de pesquisa. O grupo focal seguiu um roteiro com questões norteadoras (Anexo C), essas questões englobaram o processo de escolha pelo curso, a entrada na Universidade e as vivências/experiências nas IES. Foram questionados os fatores de risco frente a opção por fazer uma graduação, a vivência da Instituição, a interferência destes fatores na vida e na saúde dos alunos prounistas.

O Questionário Sociodemográfico (Anexo B) teve como objetivo pesquisar dados gerais de identificação (nome, idade, estado civil, número de filhos, qual turno que estuda, número de créditos concluídos, cidade onde nasceu, cidade onde reside); se o aluno trabalha ou estagia (dentro ou não de sua área de estudo), se tem pessoas

significativas na sua vida e, em caso afirmativo, quem são elas. Além dessas questões, também foram feitas questões sobre a satisfação com o curso escolhido; se o aluno participa de atividade voluntária e com quem reside.

Procedimentos de pesquisa e éticos

O primeiro contato foi com a Diretoria de Ação Social (DAS) da Universidade pesquisada, a qual forneceu uma carta de anuência da Instituição, autorizando a pesquisa com alunos prounistas. Primeiramente, foi realizado com a DAS um levantamento de quantos alunos prounistas integrais preenchiam os critérios de inclusão e quantos recebiam o benefício do PIEA. Posteriormente, foi realizado um sorteio separado para cada grupo. Nessa ocasião, foi utilizada uma tabela de números aleatórios para sortear os alunos participantes dos dois grupos focais.

A partir do sorteio, foram enviados 40 *e-mails* convidando os alunos a participarem da pesquisa (20 homens e 20 mulheres). Após 5 dias, foi realizado contato telefônico reforçando o convite para a pesquisa e explicando a importância da mesma. Vale ressaltar que a ligação telefônica obteve um resultado mais efetivo do que o email. No total, 16 alunos aceitaram participar da pesquisa e 13 prounistas compareceram nos dias dos grupos focais.

Foram desenvolvidos dois grupos focais, o primeiro se tratou de um grupo de bolsistas que recebem benefícios do Programa de Inclusão Educacional e Acadêmica (PIEA), o segundo grupo não recebe este benefício. Cada grupo foi composto 7 e 6 alunos, respectivamente. Os grupos focais tiveram cada um deles 1 hora e 20 minutos de duração. Antes de cada grupo foi feito um contrato verbal de sigilo do que estava sendo tratado, além disso, os alunos foram informados que os resultados seriam apresentados de forma genérica, sem nomes divulgados. Em ambos houve filmagem de áudio e vídeo,

e também a participação de uma observadora (graduanda em Psicologia e assistente de pesquisa), a qual realizou a transcrição posterior dos dados. Os grupos ocorreram nas dependências da Universidade, em horário vespertino. No final de cada um, foi oferecido um lanche para os participantes.

Este projeto de pesquisa foi encaminhado ao Comitê de Ética da Universidade onde foi realizada a pesquisa para avaliação e recebeu a aprovação de número 847.340. Foram observados todos os procedimentos éticos para pesquisa com seres humanos, seguindo as resoluções de números 466/2012 (Brail, 2012) e 016/2000 (Conselho Federal de Psicologia [CFP], 2000). A coleta de dados somente ocorreu após a aprovação do projeto.

No dia, os participantes leram e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e responderam o questionário sociodemográfico antes da realização do grupo focal. O TCLE (Anexo A) foi lido e explicado a eles, também foi informado que suas identidades seriam preservadas e que a sua desistência não incorreria em qualquer prejuízo. Foi combinado que o pesquisador comunicaria aos participantes, por email, a data de defesa da dissertação e/ou disponibilizaria o link com o acesso da pesquisa concluída. Após o término da pesquisa, foi dito que uma cópia da dissertação seria entregue para o gerente da DAS com os resultados alcançados.

Análise de dados

Para análise dos dados, considerando a totalidade das transcrições e registros dos dois grupos focais, foi utilizada a técnica de análise de conteúdo de Bardin (1977), com pré-análise, exploração do material e tratamento de resultados. Posteriormente, foram elencadas categorias mistas definidas a partir dos objetivos e do conteúdo relatado nos grupos.

Resultados

As categorias foram definidas de acordo com os objetivos e as falas produzidas nos grupos focais, o que originou categorias e subcategorias mistas (a priori e a posteriori), as quais serão apresentadas nesse tópico juntamente com algumas falas selecionadas. Optou-se por avaliar os fatores de risco como processo, considerando as diferentes etapas da vivência acadêmica do aluno prounista (antes de iniciar uma graduação, a entrada e o processo de adaptação e a vivência atual na universidade) frente aos estressores presentes na vida acadêmica. Com o objetivo de ser mais didático, dividimos os fatores de risco nas seguintes categorias para analisar, a saber, “antes de entrar numa graduação” e “durante a graduação”.

Antes de entrar na graduação

Nesta categoria, foram escolhidas questões iniciais que poderiam dificultar tanto a opção por cursar uma graduação, bem como a entrada na universidade. Então foram levantadas as seguintes subcategorias: 1) falta de apoio e/ou incentivo dos pais; 2) falta de referências dos pais; 3) estímulo para que continuem na mesma atividade dos pais; 4) escola pública fraca e 5) outras dificuldades (financeira, gravidez na adolescência e preconceito com as licenciaturas).

Na subcategoria “falta de apoio e/ou incentivo dos pais”, os alunos comentaram que a falta de apoio dos pais para dar continuidade aos estudos pode interferir negativamente na escolha por um curso superior, influenciada na maior parte pela baixa escolaridade dos pais:

[...] mas a minha mãe, se eu fosse um operador de caixa de um mercado, ela estaria feliz. Minha mãe nunca me incentivou a estudar.”

Não cresci com o sonho de fazer faculdade, na verdade, esse foi um processo gradativo. Na verdade, a minha família nunca teve essa cultura de crescer, vai ser algo definido, ou quando criança, “bah, de repente tu faz uma faculdade”. Eu nunca tive essas doutrinas, eu nunca recebi esse tipo de ensinamento.

Na subcategoria seguinte, “falta de referências dos pais”, os filhos elencaram as dificuldades dos pais os ajudarem no processo de escolha, pois os mesmos não têm referência do que significa uma graduação e, muitas vezes, não podem contribuir com informações sobre o dia a dia na faculdade.

Eu tava com muita dúvida porque a gente não tem muito conhecimento sabe. E quando foi ninguém tinha da minha família uma noção, então não sabia o que que tinha dentro daquele curso, o que que ele aprendia.
[...] mas eles (pais) não entendem muito de como funciona uma faculdade. Esses tempos o meu pai perguntou se a gente tinha as mesmas aulas que a gente tinha na escola aqui, só que um pouco mais difícil.

Na terceira subcategoria, “estímulo para que continuem na mesma atividade dos pais”, os pais valorizam mais a questão do trabalho do que o estudo, ou mesmo que os filhos continuem a mesma atividade profissional dos progenitores:

[...] porque os meus pais eles têm a formação do ensino básico e sempre foi aquela questão da cultura de trabalhar mesmo, desde o início sempre trabalhar.
A gente falava pros meus pais, eu e a minha irmã, sobre fazer faculdade, sobre como pagar ela, porque a gente sabia que era bem caro. E eles falavam que a gente não ia precisar, que a gente podia trabalhar com eles ou alguma coisa do tipo.

Na quarta subcategoria, “escola pública fraca”, os alunos demonstram que vieram de um ensino fundamental e médio com algumas deficiências, salientando as dificuldades educacionais do país em oferecer um ensino público de qualidade:

Por ter feito um ensino fundamental público, depois a continuidade público, então quer dizer, eu nunca estudei numa escola particular. E é difícil, a gente sabe as mazelas que o ensino está sofrendo no País.
O ensino médio é péssimo praticamente, não tem... é um modo de dizer claro... não tem cobrança.

Na quinta e última subcategoria, “outras dificuldades”, os prounistas abordaram questões (financeira, gravidez na adolescência e preconceito com as licenciaturas) que podem interferir no processo de escolha por uma faculdade. São situações de vida que podem impactar significativamente na saúde dos alunos:

Eu não tinha acesso a internet e era meio difícil. Então ia lá na LanHouse e, às vezes, acabava o meu dinheiro e eu não conseguia (se inscrever no Enem).

Só que aos meus 14 anos eu tive um filho e daí acabou dificultando. Fiquei 2 anos sem estudar, e daí voltei pro ensino médio” - gravidez na adolescência. E aí quando eu decidi fazer licenciatura, meu pai ele me olhou assim, com uma cara, tu vai fazer licenciatura? Mas no começo de ir de uma ideia de fazer jornalismo pra fazer licenciatura, ele não gostou muito.

Durante a graduação

Nesta segunda categoria, os prounistas apontaram algumas dificuldades percebidas diariamente após a entrada na universidade, e como tentam administrá-las durante o semestre letivo. A partir disto, emergiram as seguintes subcategorias: 1) exigência da faculdade é diferente do ensino médio; 2) administrar trabalho, estudo e vida pessoal; 3) manter-se economicamente durante o semestre; 4) dificuldade de construir vínculos com os pares; 5) relação com o professor; 6) dificuldade pedagógica e 7) cansaço físico e possibilidade de desistência.

Na subcategoria “exigência é diferente da faculdade do ensino médio”, os discentes discorreram sobre a mudança na forma de cobrança em relação ao ensino médio e como vivenciaram isto na entrada na graduação:

Pela questão de espera que eu entrei lá pela terceira semana, no primeiro semestre que eu fui fazer. Eu penei, eu cheguei assim nunca sabia nada o que que os caras tavam falando, falavam umas palavras em inglês lá e eu o que que é isso. E daí eu pensei também no primeiro semestre em desistir, eu não vou aguentar, vou desistir.

E os professores sabem que tu trabalha, mas mesmo assim te dá um monte de trabalho e tu é obrigado a fazer no final de semana.

Na subcategoria “administrar trabalho, estudo e vida pessoal”, os prounistas contam como lidam com as várias demandas durante a semana, sobretudo naqueles alunos que estudam e trabalham, e de que maneira administram isto na vida pessoal e familiar:

A questão de não ter tempo pra nada, no semestre passado eu fiz 7 cadeiras, quase enlouqueci, quase enlouqueci minha família. Esse semestre eu tive que reduzir pra 3, porque o choque lá em casa foi tão grande, que o meu filho rodou de ano.

É por isso que eu aprendi a escovar os dentes tomando banho. Não dá pra perder tempo pra nada, né. Tem que dormir quando tá no ônibus, tem que ler quando tá no trem.

No meu caso é ter que conciliar porque eu sou obrigado a trabalhar, eu tenho que trabalhar porque eu sou o filho mais velho de 4 irmãos, daí então não tenho condições de ficar cursando uma faculdade sem trabalhar, mesmo tendo bolsa. Eu chego em casa agora só as 11 horas da noite e daí eu tenho que estudar alguma coisa e acabo indo dormir tarde, pra acordar as 7 horas de novo.

Na terceira subcategoria “manter-se economicamente durante o semestre”, os prounistas relatam a dificuldade de se sustentar financeiramente, apesar de terem a bolsa integral, e como a necessidade de ter que trabalhar influencia na sua qualidade de vida:

Eu deixei de vir a muita aula porque eu não tinha dinheiro pra passagem. E ainda com filho, eu não recebo pensão do pai dele, então é só eu pra bancar o meu filho e minha mãe, R\$10,00 de passagem faz falta no orçamento depois.

E aí agora eu tive que voltar (a trabalhar), to como “CC” (cargo de confiança) na prefeitura porque infelizmente não deu, eu queria focar na faculdade, mas não consegui porque também tem as contas pra pagar. Infelizmente não dá pra viver só da faculdade.

Eu, às vezes, tenho que abrir mão de estudar um pouco pra trabalhar... eu moro sozinho em tere, mas eu pago aluguel e tudo, eu me sustento, então se eu não trabalho, eu não tenho como paga aluguel, não tenho como paga comida, não tenho como paga transporte... então eu, de uma certa forma, tenho que priorizar um pouco o trabalho... tipo 60% o trabalho e 40% universidade. Eu sou um cara extremamente estressado porque é uma pressão assim... cara, eu tenho 22 anos e talvez não precisava ter esse pressão, mas não sei... eu não tenho escolha, né.

Na quarta subcategoria, “dificuldades em construir vínculos com os pares”, os discentes comentaram sobre os obstáculos para fazer e manter as amizades durante a graduação. Isto também aparece na hora de conseguir um ou mais colegas para estudar junto:

Aqui tem 5 dias, daqui a pouco eu vou te encontrar num dia da semana só. Raramente a gente encontra colegas que façam 3 disciplinas conosco assim.

A gente não consegue pegar vínculo de amizade, porque nem todo mundo tem condições de fazer 5, nem todo o mundo que consegue pegar as mesmas disciplinas pra fazer a matrícula, então fica difícil. E fica aquela coisa meio impessoal, às vezes, as pessoas olham pra ti e dizem: “tu tem uma cara de cheia”. Não, não é, tu nem conhece essa pessoa ainda. Mas a gente quer, a gente gostaria de ter círculo de amizade e eu acho que isso faz parte da universidade também.

Uma coisa que eu acho importante e eu consigo raramente é tu ter colega pra ti estudar. Porque são 2 cabeças, 3 cabeças pensam melhor e com certeza se a

gente tivesse isso, a gente iria melhor. Mesmo com todo esse nível de trabalho que a gente tem, esse cansaço enlouquecedor, se nós tivéssemos colegas pra estudarmos juntos, seria bem melhor. Porque eu já tive nesse tempo, eu acho que uns 3,4 que eu pude estudar junto e a coisa vai bem, as notas melhoram, o teu entendimento também. Porque é a aula e depois tu sai e ai tá sozinho, tá sozinho no mundo sabe, te vira.

Na quinta subcategoria “relação com professor”, os prounistas apontaram as dificuldades de alguns professores de se aproximarem dos alunos, demonstrando um pouco mais de tolerância e afetividade:

[...] mas, às vezes, tu pega uns professores que eles te tratam como se tu tivesse Doutorado, como se tu soubesse tudo. Se tu pergunta, o cara te rechaça, como se tu fosse obrigado a saber. Ou daqui a pouco tu não elaborou uma pergunta correta, tu entendeu?

E o professor que tá lá ao invés de tornar a coisa mais fácil pra ti ou ser mais aconchegante, receptivo, não. Ele te coloca lá no teu lugar e tu tem que ir sozinha, tu tem que buscar sozinha. [...] Porque às vezes me representa que eles sonegam um pouco da informação porque dai daqui a pouco não é legal, esse ai já é um concorrente meu, sei lá eu. Eu não entendo, mas assim a soberba é grande.

Na subcategoria, “dificuldade pedagógica”, emergiram as preocupações dos alunos no entendimento e aprovação nas matérias, sendo que isto pode refletir na perda da bolsa, pois os alunos têm que ter aprovação de, no mínimo, 75% por semestre nas atividades curriculares:

Mas eu até tenho dificuldade a estudar assim, eu tenho muita dificuldade. Eu consigo entender a matéria, mas pra parar, sentar e estudar, eu não consigo. Eu tenho muita dificuldade, pra parar e estudar assim. Eu vou bem nas cadeiras, mas porque eu presto atenção na aula, uma coisa assim, mas pra parar e estudar eu tenho muita dificuldade.

No primeiro dia da prova eu disse ah é fácil, barbada, dai chega o grau B e... Cheguei lá, não tá tranquilo, no grau B... bah, tá louco...

Na última subcategoria, “cansaço físico e possibilidade de desistência”, as falas relatam o desgaste físico e que, em alguns momentos, a vontade de desistir aparece de maneira mais significativa:

É difícil tu pegar trem todo o dia pra ir pra Porto Alegre, esse traslado cansa, que é uma loucura e não adianta tu querer estudar porque tu fica vendo uma coisinha passando assim... tu dispersa, tu não consegue prestar atenção na tua leitura, sabe. No trem tu vai de pé e cansa e daqui a pouco quando tá em casa tu quer... Quando eu to em casa pra eu estudar, eu só quero dormir, é uma cama,

fecha tudo e dormir sabe, dormir, porque é muito cansada, eu to cansada. E às vezes tu não consegue colocar em dia os teus estudos porque precisa trabalhar, precisa se sustentar.

Da meia-noite à cinco ainda dá pra estudar e domingo dá pra dormir. Domingo é dia de dormir. Eu hiberno pelo menos.

É aquela desistência tipo momentânea que as coisas vão se acumulando assim e daí tu diz assim, dá vontade de mandar tudo pro alto. Porque eu não to mais conseguindo resolver as coisas, a minha vida, dá em todo o mundo, né.

Discussão

Os fatores de risco são eventos negativos que ocorrem na vida, aumentando a probabilidade da pessoa que os vivencia de ter problemas físicos, sociais ou emocionais. Esses fatores integram o processo de resiliência, entendida como a capacidade de superação de problemas do dia a dia e o fortalecimento, após o enfrentamento efetivo, de uma situação adversa (Poletto & Koller, 2008; Melillo, 2007). Diante do objetivo principal desse estudo, que foi caracterizar os fatores de risco para cursar uma graduação de alunos prounistas de uma IES privada do Rio Grande do Sul, pode-se constatar que os prounistas tem que lidar com múltiplos fatores de risco.

Destaca-se, inicialmente, que o papel da família é fundamental no processo de escolha profissional de uma graduação e, portanto, irá influenciar diretamente nos fatores de risco. De um modo geral, os participantes consideraram, de forma significativa, a opinião da família no momento da escolha pela profissão que pretendem exercer, seja um curso superior ou não. Por isso, a família pode influenciar positiva ou negativamente na opção de fazer um curso universitário. Em diversos casos, os pais, por não terem o conhecimento de outras realidades profissionais, acabam incentivando os filhos a continuarem na mesma atividade profissional desenvolvida por eles. Isso vai ao encontro da literatura sobre orientação profissional, uma vez que se sabe que a implementação de decisões de carreira é permeada por uma atuação direta ou indireta

dos pais, seja por meio da relação que estabelecem com os filhos ou das atividades que desempenham (Carvalho & Taveira, 2012).

Outra questão referente à família é a maior importância dada pelos pais ao trabalho em detrimento do estudo. Nesse caso, os prounistas precisam, até certo ponto, enfrentar a família para estudar. O início da situação de risco, nesse caso, toca nesse ponto, ou seja, não se trata apenas de trabalhar e estudar, se trata de um desafio. Assim, o diferencial entre um prounista que trabalha e estuda e um aluno regular, que também trabalha e estuda, é o papel da família como um desarticulador do desejo de estudar. É lógico pensar que isso possa ocorrer com outros grupos de alunos, mas nos prounistas isso parece mais evidente.

Além das questões da família descritas anteriormente, os prounistas vêm de um ensino público, geralmente, de baixa qualidade e que não prepara adequadamente para o Enem, e nem oferece uma base de conhecimentos o suficiente para auxiliar no seguimento dos estudos, quando fazem essa opção. Os professores do ensino médio podem incentivar a continuidade dos estudos, mas, às vezes, não conseguem desempenhar este papel. Esta preparação para o Enem ocorre por esforço próprio e com pouco incentivo da família em muitas situações. O acesso a cursos preparatórios também exige um investimento financeiro, cujos recursos não são destinados para este fim. Em relação ao acesso a internet para a matrícula no ENEM, ela nem sempre é confiável, e os interessados têm que se deslocar até espaços públicos com acesso a rede. Sob esse aspecto, há mais um gasto com o estudo para administrar.

Os jovens que ganham a bolsa do Prouni ficam muitos felizes pela conquista, pois não terão a preocupação inicial com as mensalidades escolares, mas, ao mesmo tempo, percebem que a isenção deste custo não é o suficiente para a sua manutenção na Universidade (Rocha, 2011). Os gastos diários para a sua sobrevivência no mundo

acadêmico dependem muito do aluno prounista. Eventualmente, a família auxilia, mas a obtenção de renda é de responsabilidade do prounista. Para dar conta destes gastos durante o semestre letivo uma possibilidade é o aluno ingressar no mundo informal do trabalho, o que eles próprios chamam de “fazer bicos”, ou executar atividades distantes da sua área de conhecimento. A realização de estágios (curriculares ou não obrigatórios) também é uma fonte de renda. Esta renda auxilia os prounistas, mas também acaba exigindo um esforço significativo para administrar estudo e trabalho. Ao ter que lidar com esta realidade, a sobrecarga física e emocional pode ficar insuportável, e o prounista pode ter que fazer a seguinte opção: “então eu, de uma certa forma, tenho que priorizar um pouco o trabalho... tipo 60% o trabalho e 40% universidade.”

Em um estudo cujos participantes eram prounistas, Felicetti (2014) avaliou 132 prounistas (que aceitaram participar) e quantificou as dificuldades encontradas pelos egressos durante a vivência acadêmica nas seguintes subcategorias: dificuldade de material/tempo; dificuldades financeiras; dificuldade sócio-afetiva e dificuldade geográfica. Estes dados foram colhidos em uma universidade comunitária do Rio Grande do Sul e está de acordo com os fatores de proteção que se sobressaíram nesta pesquisa qualitativa. Ainda, segundo a pesquisadora, o percentual de prounistas que trabalharam mais de quatro anos durante a graduação é alto e pode variar de aluno para aluno. Isso pode ocorrer mais intensamente ou menos, de acordo com as características e necessidades de cada um. Tais características fazem parte do dia a dia de cada um, e estão ligadas com as conquistas, com as vitórias ou os fracassos. A partir dessa análise, pode-se inferir que o trabalhar, o estudar e o viver são concomitantes, isto é, não há separação entre essas ações; estudar é viver, e as conquistas do estudo têm efeito no trabalho e na vida social e se intercambiam.

A questão da sobrecarga e cansaço emergiu em várias falas. A realidade de agenda lotada com estágio e/ou trabalho (às vezes os três turnos ocupados) foi uma constante no relato dos participantes. Para eles, estudar exige muito, e palavras como “enlouquecer”, “enlouquecido” adquirem um sentido de limite da resistência física e mental dos alunos. O aumento do sofrimento psíquico é uma realidade dos universitários (Hyun et al., 2006). Se o domingo é utilizado para “hibernar”, pode indicar que há pouco tempo para o lazer ou mesmo para a prática de uma atividade física ou desestressante.

Os alunos que trabalham descrevem o desgaste que sofrem para conciliar estudo e trabalho. Ganhar a bolsa integral não é certeza de que a mesma será utilizada até o final do curso. É necessário um esforço considerável para manter a bolsa (75% de aprovação nas atividades curriculares). O preparo para as avaliações, provas e trabalhos em grupo são exemplos deste esforço fora da sala de aula. Isto fica evidenciado na seguinte fala de um participante: “E como a gente quer muito, a gente se vira nos 30, né. A gente se vira nos 30 pra poder dar conta, então quer dizer, tu ganhou algo, tu tem que se movimentar pra poder, pra isso dar certo. Pra ter uma continuidade, início, meio e fim do curso”.

Nesse sentido, há um esforço físico e cognitivo maior desses alunos, se comparados com a maioria dos alunos que não trabalham. Os participantes parecem conciliar mais atividades, daí, a ideia de “dar conta”. Portanto, o estudo, para eles, não é só mais uma tarefa a ser cotidianamente cumprida, na citação acima o participante deixa claro que “tem que se movimentar para isso dar certo”. De fato, é possível associar o movimento do qual ele fala ao conceito de resiliência, que é a própria pressão sofrida pelo corpo e a emergência em se adaptar. É um fator de risco não se adaptar a realidade

de conciliar tantas atividades. É possível que e o aluno prounista não resiliente não o faça.

Quanto à presença de professores mais tolerantes no início do curso, isso pode ajudar os alunos no processo de adaptação dentro do contexto acadêmico. Professores mais exigentes e com pouca capacidade de entender a realidade menos favorável desses alunos contribui para a diminuição do bem estar em sala de aula e, conseqüentemente, pode ser um fator de risco para a desistência do curso.

A duração dos cursos da graduação são, no mínimo, de 4 a 5 anos. Este prazo é difícil de ser cumprido pelos alunos (prounistas e não prounistas) e pode se estender por 2, 3 ou mais anos. Esta ampliação do tempo de formatura implica diretamente na perspectiva de investimento pessoal de médio prazo a longo prazo, pois os alunos são obrigados a viver no limite por um tempo maior do que o previsto. Isto, novamente, pode afetar a qualidade de vida dos alunos.

Outro fator de risco, comentado pelos participantes, é a dificuldade de formar uma turma e constituir laços de amizade, que poderiam ajudar a apoiar nos momentos difíceis, além de ajudar nos trabalhos em grupo. Como os alunos não têm muito tempo disponível, encontrar um horário fora da sala de aula se torna uma atividade extremamente difícil.

Pode-se analisar, nessa pesquisa, que a presença de um ou mais fatores de risco pode estar presente durante a vida acadêmica dos alunos prounistas, antes mesmo de pensarem na possibilidade de cursar uma universidade. O limite entre o que aluno consegue suportar efetivamente e o que ele não consegue (nesse caso desistindo do seu sonho de conclusão de uma graduação) é muito tênue. Estes fatores de risco, assim como os fatores de proteção, são extremamente dinâmicos, e podem oscilar de intensidade de acordo com a realidade vivenciada por cada prounista. Associado a isto,

existem as idiosincrasias de cada aluno prounista e como ele lida com as dificuldades no dia a dia.

Considerações Finais

Este artigo teve como objetivo caracterizar os fatores de risco para cursar uma graduação de alunos prounistas de uma universidade privada do Rio Grande do Sul, que recebem bolsa integral do governo federal. O Enem possibilitou a entrada de inúmeros jovens nas universidades privadas, os quais teriam pouco ou nenhum acesso ao ensino superior. A dificuldade seguinte é a manutenção destes jovens estudando nas IES.

O acesso às IES privadas foi um passo muito significativo para dar início ao conhecimento acadêmico, mas exige um esforço elevado para que os prounistas consigam manter a bolsa integral durante a permanência no ensino superior. Num contexto ideal, a melhora na qualidade do ensino fundamental e médio auxiliaria ainda mais os jovens a entrar na universidade. Dentro deste ideal, o apoio incondicional dos pais ou pessoas significativas seria um segundo passo para dar mais segurança aos prounistas. E um terceiro aspecto ideal, seria a possibilidade dos prounistas terem tempo para se dedicar aos estudos integralmente. Infelizmente, esta conjugação ainda não é possível dentro da nossa realidade socioeconômica brasileira atual.

As informações obtidas nesta pesquisa corroboram com o conhecimento para a área de investigação da população estudada, porque o Prouni existe há cerca de 10 anos, e ainda há escassez de publicação sobre o assunto. Considera-se que o número de participantes pode ter sido uma das limitações da pesquisa, apesar desse trabalho ter um potencial inovador. Além disso, espera-se que esses resultados possam contribuir para pensar e proporcionar, cada vez mais, um serviço de qualidade, tanto na parte de orientação, como também de acolhida aos prounistas.

Percebe-se que o aluno gostaria de estreitar ainda mais os laços com os professores, portanto, uma das soluções que este estudo oferece é pedir ajuda aos docentes, a fim de que eles identifiquem alunos com alguma dificuldade. Os docentes são a linha de frente da universidade, e estão na convivência diária com os alunos, portanto, também o aluno prounista poderá pedir ajuda quando achar necessário.

Para finalizar, é preciso entender que os fatores de risco dos alunos prounistas são similares aos alunos de baixa renda que não possuem bolsa integral. Por exemplo, a falta de recursos para o pagamento do ônibus, a falta de tempo para o estudo em função do trabalho e o cansaço são questões que também alunos regulares podem enfrentar. No entanto, para os prounistas, outros achados aparecem. Destacamos aqui a necessidade do enfrentamento perante a família da opção pelo estudo, já que trabalhar seria mais interessante na visão dos pais; e a responsabilidade com o próprio estudo, pois há uma exigência de notas para a manutenção da bolsa; além do conciliar trabalho, estudo e vida social. Também na relação com o trabalho o estudo está presente, conforme relatado, o chefe precisa ser compreensivo na medida em que deve entender a necessidade do prounista. Nesse sentido, o próprio aluno se coloca em uma condição que o diferencia dos outros. Essa condição, contudo, não é a do aluno carente em si, mas daquele que, apesar da carência financeira, enfrenta os riscos para poder estudar.

Referências

- Almeida, L. S. (2007). Transição, adaptação académica e xito escolar no ensino superior. *Revista galego-portuguesa de psicoloxía e educación*, 15(2), 203-215.
- Almeida, L. S., Guisante, M. A., Soares, A. P., & Saavedra, L. (2006). Acesso e sucesso no ensino superior em Portugal: questões de género, origem sócio-cultural e percurso académico dos alunos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 19(3), 507-514.

- Assis, A. D., & Oliveira, A. G. B. (2011). Vida universitária e saúde mental: atendimento às demandas de saúde e saúde mental de estudantes de uma universidade brasileira. *Cadernos Brasileiros de Saúde Mental*, 2(4-5), 159-177.
- Bardagi, M. P., & Hutz, C. S. (2012). Rotina acadêmica e relação com colegas e professores: impacto na evasão universitária. *Psico*, 43(2), 174-184.
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Martins Fontes.
- Brasil. (2005). *Lei nº 11.096*. Institui o Programa Universidade para Todos – Prouni.
- Brasil. (2012). *Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012*. Aprova normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos.
- Carneiro, A. M., & Baptista, M. N. (2012). Saúde geral e sintomas depressivos em universitários. *Salud & Sociedad*, 3(2), 166-178.
- Carvalho, M., & Taveira, M. C. (2012). A implementação de decisões vocacionais: revisão da literatura. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 13(1), 27-35.
- Cerchiari, E. A. N., Caetano, D., & Faccenda, O. (2005). Prevalência de transtornos mentais menores em estudantes universitários. *Estudos de Psicologia*, 10(3), 413-420.
- Conselho Federal de Psicologia – CFP (2000). *Resolução n. 016/2000, de 20 de dezembro de 2000*. Dispõe sobre a realização de pesquisa em psicologia com seres humanos.
- Feldt, R. C., Graham, M., & Dew, D. (2011). Measuring Adjustment to College: Construct Validity of the Student Adaptation to College Questionnaire. *Measurement and Evaluation in Counseling and Development*, 44(2), 92-104.
- Felicetti, V. L. (2014). Comprometimento do aluno ProUni: acesso, persistência e formação acadêmica. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, 95(241), 526-543.

- Gatti, B. A. (2005). *Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas*. Brasília: Líber Livro.
- Hyun, J. K., Quinn, B. C., Madon, T., & Lustig, S. (2006). Graduate Student Mental Health: Needs Assessment and Utilization of Counseling Services. *Journal of College Student Development*, 47(3), 247-266.
- Igue, E. A., Bariani, I. C. D., & Milanesi, P. V. B. (2008). Vivência acadêmica e expectativas de universitários ingressantes e concluintes. *Psico-USF*, 13(2), 155-164.
- Limena, M. M., Rodrigues, M. L., Petraglia, I., & Almeida, C. (2011). *ProUni e inclusão social*. Xamã: São Paulo.
- Melillo, A., & Ojeda, E. N. S. (2007). *Resiliência: descobrindo as próprias fortalezas*. Porto Alegre: Artmed.
- Neves, M. C. C., & Dalgalarondo, P. (2007). Transtornos mentais auto-referidos em estudantes universitários. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 56(4), 237-244.
- Oliveira, M. C. S. L., Pinto, R. G., & Souza, A. S. (2003). Perspectivas de futuro entre adolescentes: universidade, trabalho e relacionamentos na transição para a vida adulta. *Temas em Psicologia*, 11(1), 16-27.
- Poletto, M., & Koller, S. H. (2008). Contextos ecológicos: Promotores de resiliência, fatores de risco e proteção. *Estudos de Psicologia*, 25(3), 405-416.
- Rocha, M. A. M. (2011). *Processo de inclusão ilusória: o jovem bolsista universitário*. Jundiaí: Paco Editorial.
- Sobrosa, G. M. R., Santos, A. S., Oliveira, C. T., & Dias, A. C. G. (2014). Perspectivas de futuro profissional para jovens provenientes de classes socioeconômicas desfavorecidas. *Temas em Psicologia*, 22(1), 223-234.
- Souza, L. E. R. (2011). *O ProUni como política pública de ação afirmativa: uma análise do impacto sociocultural na trajetória de egressos, oriundos das camadas*

populares do Prouni da PUC-MG. Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, MG, Belo Horizonte.

Sulkowski, M. L., & Joyce, D. J. (2012). School psychology goes to college: the emerging role of school psychology in college communities. *Psychology in the Schools, 49*(8), 809-815.

Teixeira, M. A. P., Dias, A. C. G., Wottrich, S. H., & Oliveira, A. M. (2008). Adaptação à universidade em jovens calouros. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional, 12*(1), 185-202.

Turato, E. R. (2008). *Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas*. 5. Ed. Rio de Janeiro: Vozes.

Considerações Finais

Esta dissertação teve como objetivo pesquisar fatores de proteção e fatores de risco para cursar uma graduação em alunos prounistas de uma universidade privada do Rio Grande do Sul. A aprovação no Enem e, a conseqüente, bolsa de prouni não são suficientes para a manutenção nos estudos e finalização da graduação. Os alunos têm que administrar estudo, trabalho e família durante o curso superior.

Os alunos pesquisados reconhecem o seu contentamento por estarem estudando em uma universidade privada, graças ao auxílio da bolsa integral do Prouni, mas também estão cientes das suas limitações por não conseguirem se dedicar de caráter integral aos estudos. De um modo geral, os prounistas demonstraram ter clareza nos seus objetivos de vida e da importância da conclusão de um curso superior. Apesar das preocupações e das dificuldades, o ingresso em um curso de graduação pode fazer uma diferença significativa nas suas vidas em termos econômicos e de ascensão social.

Há três aspectos para destacar nesta pesquisa: 1) a presença de uma pessoa significativa adquire uma importância vital na vida destes alunos pesquisados. Nessa dissertação apareceu a mãe como figura proeminente. No estudo de Rocha (2011), este papel esteve a cargo da avó. O apoio da família, desde a escolha no curso e no acolhimento das demandas iniciais, tem um caráter saudável e de fortalecimento para a continuidade aos estudos. 2) o reconhecimento intelectual dos pares evidenciou-se nos grupos focais. O esforço para conseguir a bolsa prouni é visto como um aspecto de inteligência e de capacidade intelectual pelos colegas. Este reconhecimento é visto com orgulho por parte dos prounistas. Ocupam um espaço no mundo acadêmico que exigiu um esforço significativo e o olhar dos pares (colegas) ajudam a melhorar a autoestima. 3) o apoio financeiro do PIEA permite que os prounistas usufruem melhor o meio

acadêmico e dá chances de participarem de programas de iniciação científica. Ter mais tranquilidade na alimentação e transporte permite que os alunos prounistas administrem melhor o tempo na graduação e foquem mais nos estudos.

Aos pesquisadores que se interessam pelo assunto, cabe estudar outros aspectos dos prounistas, para lançar mais luz sobre este tema que tem um impacto significativo em um número cada vez maior de alunos que ingressam em uma universidade. Este acesso universitário via prouni exige muito esforço pessoal para entrar e as dificuldades também estão presentes durante a vivência acadêmica.

Referências

Houaiss (2001). *Dicionário de Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva.

Ministério da Educação – MEC (2015). *ProUni – Dados e Estatísticas*. Recuperado em 20 de julho de 2015, de <http://prouniportal.mec.gov.br/dados-e-estatisticas>

Poletto, M., & Koller, S. H. (2008). Contextos ecológicos: promotores de resiliência, fatores de risco e proteção. *Estudos de Psicologia*, 25(3), 405-416.

Anexos

Anexo A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Meu nome é César Leonardo Karnal, sou psicólogo (CRP 07/8789) e mestrando do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) e estou realizando uma pesquisa cujo foco principal é investigar fatores de proteção e de risco em alunos prounistas com bolsa integral de 100% durante a graduação. A professora doutora Janine Kieling Monteiro é a orientadora da minha dissertação.

O objetivo desta pesquisa é investigar a presença de fatores de proteção e de possíveis dificuldades em alunos prounistas com bolsa de 100% e de que forma lidam com percebem isto durante o período de graduação. Este conhecimento poderá ajudar a identificar os fatores de proteção, especialmente a resiliência (capacidade de enfrentar adversidades).

Caso concorde em participar desta pesquisa, você vai receber o aceite do termo de consentimento livre e esclarecido, para assinar e informando o seu consentimento. O termo de consentimento livre e esclarecido será apresentado e assinado em duas vias (uma cópia ficará com o participante da pesquisa e outra com o pesquisador). A pesquisa será qualitativa e você irá participar de um grupo focal, com duração em torno de 1h 30 nas dependências da Universidade e responder um questionário sociodemográfico. Em qualquer momento você pode desistir da pesquisa. Todos os dados dos participantes serão sigilosos. Caso os resultados desta pesquisa sejam divulgados em artigos científicos, congressos, seminários ou outras formas de apresentação, serão de maneira geral, preservando os nomes dos participantes. O material será guardado na Universidade, em local seguro, por um período de 5 anos.

Caso a sua participação mobilize algum risco, me coloco a disposição para uma entrevista (previamente agendada) e caso seja necessário poderá ser encaminhado para atendimento psicológico gratuito. A sua participação é voluntária e não tem nenhum custo financeiro. Em caso de dúvidas, estaremos à disposição para esclarecê-las. Os telefones para contato são: (51) 9918-3448 ou também (51) 3591-1122 ramal 4108.

_____, ____ de _____ de 2015

Assinatura do pesquisador

Eu, _____ (nome do participante), CPF
_____, declaro que fui informado dos objetivos da pesquisa e
aceito participar de forma voluntária do estudo.

_____, ____ de _____ 2015

Assinatura do(a) participante

Anexo B – Questionário Sociodemográfico

1. Sexo: Masculino () Feminino ()
2. Idade: _____ anos
3. Estado civil: () solteiro () casado () separado/divorciado () viúvo
() união estável
4. Tem filhos: () sim () não Quantos: _____
5. Curso: _____
6. Números de créditos concluídos: _____
7. O turno que estuda é: () totalmente diurno () totalmente noturno
() mais diurno que noturno () mais noturno que diurno
8. Cidade onde nasceu: _____ Estado (sigla): _____
9. Cidade onde reside: _____ Estado (sigla): _____
10. Trabalha e/ou estagia atualmente: () sim () não
11. Se trabalha e /ou estagia, qual a carga horária: _____ horas semanais
12. Trabalha dentro da área de atuação do seu curso: () sim () não
13. Participa de alguma atividade voluntária: () sim () não
14. Qual seu grau de satisfação com o curso escolhido, de uma escala de zero a dez, sendo zero nenhuma satisfação e dez satisfação plena: _____
15. Na sua vida, tem uma pessoa (ou mais) muito significativa (importante), que possa contar na maioria das situações: () sim () não
16. Se marcou sim na questão anterior, qual o grau de parentesco desta(s) pessoa(s):

17. Você mora atualmente (pode marcar mais de uma alternativa): () sozinho
() pais () pai () mãe () irmãos () avós () avó () avô () amigos
() companheiro/companheira () filho(s) () enteado(s) () nenhum destes

Anexo C – Questões Norteadoras para o Grupo Focal

Entrada na Universidade:

1. Comente como foi o seu processo de decidir fazer uma graduação:
2. Você recebeu/recebe apoio de alguém para fazer a graduação (família, amigos, outros)?
3. Comente sobre o início na Universidade, como você foi acolhido na Instituição?
4. Fale-me sobre o que mudou na sua vida com a entrada na Universidade?

Vivências/experiências na Universidade

1. Cite os fatores positivos em relação a sua vivência na Instituição. Qual a interferência desses fatores na sua vida? E na sua saúde?
2. E quais seriam os fatores negativos ou que dificultam a sua vida acadêmica? Como lidam com eles? Qual a interferência desses fatores na sua vida como um todo? E na sua saúde?
3. Teve algum momento que pensou em desistir da graduação. O que aconteceu?
4. Caso você trabalhe ou faça estágio, como concilia o estudo com o trabalho?